

PESSOAS LUGARES

Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER II

Director: Samuel Thirion

Nº 8 | Maio 2000 | Distribuição Gratuita

uma estratégia para o desenvolvimento integrado da Serra da Estrela

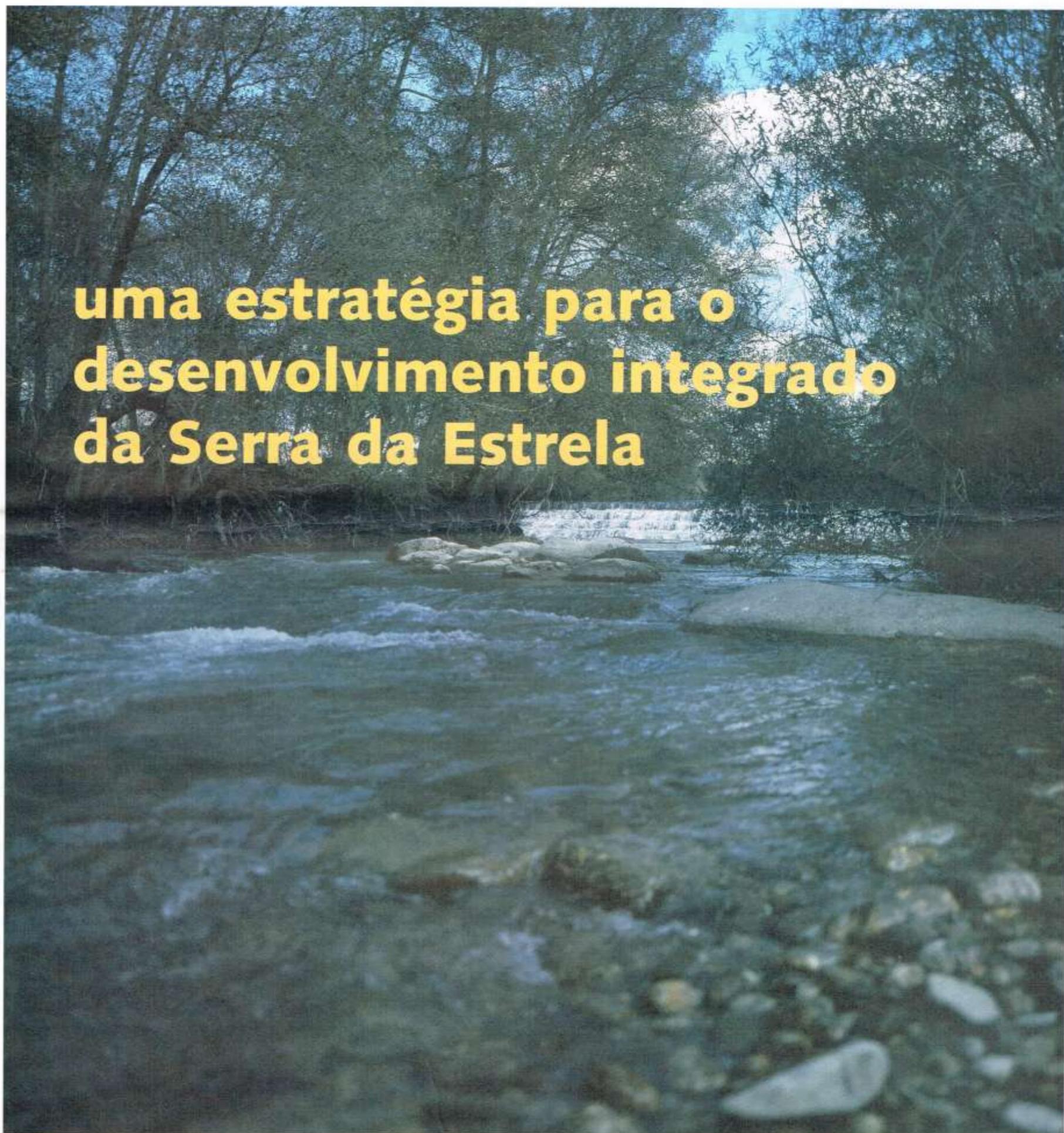


Foto: isto é, comunicação visual

P2 A abrir ■ P6 Voltas à volta do linho ■ P5, 9-13 Actividades da célula

P17 Actividades da rede ■ P020/21 Uma vida a contar histórias

P12/13 | SEMINÁRIO DA GUARDA

Novos caminhos para o trabalho em rede abertos na guarda



Samuel Thirion

O seminário da Guarda só pode ser visto como elemento de um processo que começou há alguns meses e que terá de continuar no tempo.

O Seminário realizado na Guarda em 11, 12 e 13 de Abril, sobre concepção e elaboração de estratégias de desenvolvimento integrado, é o primeiro Seminário nascido das actividades da Célula ao nível de um grupo de proximidade. Ele abre, assim, um novo caminho na animação da rede LEADER e permite já tirar alguns ensinamentos para o futuro.

Em primeiro lugar, este Seminário demonstrou claramente como um processo conduzido de "baixo para cima" ao nível de um grupo de proximidade, ou seja, pelas próprias ADL em parceria com a Célula, pode ser potencializador da mobilização e coesão entre os grupos LEADER e de novas formas de cooperação ao nível de uma região. Antes de iniciar este processo, as 5 ADL que compõem o grupo de proximidade tinham relações muito limitadas; hoje, trabalham de uma forma empenhada em torno de um projecto comum. A preparação do Seminário proporcionou a organização reuniões semanais durante dois meses, com uma participação activa de 4 ADL, levando-as a afirmar-se em redor de uma entidade comum e a conceber um projecto que teve concretização no próprio Seminário. Assim, o grupo de proximidade passou a chamar-se "Grupo de Proximidade da Serra de Estrela". Partindo da ideia do desenvolvimento integrado e de uma necessária harmonização entre os seus Planos de Acção Local, procurou lançar plataformas de concertação ao nível dos seus próprios territórios e ao nível da região que os integra.

O Seminário acabou por ser um momento de consensualização de objectivos com as diversas instituições presentes, visando a constituição de uma estrutura de concertação para o desenvolvimento integrado na Serra de Estrela que se apoiará sobre um trabalho realizado a nível local com as populações, numa metodologia ascendente. As ADL terão um papel específico neste processo, por um lado para assegurar a ligação com os actores locais e, por outro lado, para animar o processo na sua globalidade. Os princípios de base foram claramente definidos, e aparecem nas conclusões do Seminário que publicamos neste número de Pessoas e Lugares inspirando-se, em parte, na experiência já existente a este respeito na Irlanda também apresentada no decorrer dos trabalhos.

É claro que este processo está ainda na sua fase inicial. Daí que surjam algumas interrogações, que transparecem em entrevistas feitas a participantes, e opiniões diversas, inclusivamente no seio da própria Célula, que publicamos também neste número. Por exemplo: será que focalizando o debate sobre a concertação a nível regional não se deixou de lado uma reflexão necessário sobre o trabalho de terreno, reafirmado nas próprias conclusões como ponto de partida imprescindível? Algumas intervenções feitas no terceiro dia do Seminário mostraram, de facto, que a presença das ADL junto dos actores locais não está sempre assegurada, principalmente por falta de recursos humanos. É, sem dúvida, um problema importante que urge discutir e para o qual existem, aliás, diversos tipos de soluções já experimentadas em vários pontos do país.

Uma outra questão que o Seminário levantou é o facto de ter sido demasiado focalizado sobre a região da Serra da Estrela, deixando um pouco de lado a preocupação do interesse

nacional. Assim, o objectivo de apresentar uma metodologia transferível para outros territórios foi um pouco esquecido, apesar de ter sido afirmado claramente que o processo lançado na Serra de Estrela pretende ser uma experiência piloto a nível nacional.

Para estas diversas interrogações há, porém, uma resposta clara: O SEMINÁRIO DA GUARDA SÓ PODE SER VISTO COMO ELEMENTO DE UM PROCESSO QUE COMEÇOU HÁ ALGUNS MESES E QUE TERÁ DE CONTINUAR NO TEMPO. Exemplo desta continuidade é o trabalho que as ADL já estão a fazer neste momento em colaboração com a DRABI, de levantamento e concertação sistemática no terreno, com a perspectiva de realização de um outro Seminário mais orientado sobre a ligação com as populações.

Também há que considerar, face à complexidade dos problemas e limites de recursos humanos e tempo com os quais são confrontadas as ADL, que o trabalho em rede aparece cada vez mais como uma resposta adequada a esses problemas. Assim, da mesma maneira que as ADL da Serra de Estrela escolheram focalizar os seus esforços comuns num processo de concertação à volta de uma entidade de carácter micro-regional e de uma experiência piloto, ganhando com isso um saber fazer que poderá ser posto ulteriormente à disposição de outros territórios, pode-se imaginar que ADL de outros pontos do país focalizem o seu trabalho comum sobre outros aspectos complementares, necessários para o sucesso deste processo. Por exemplo, como assegurar a presença no terreno através a descentralização das ADL, poderia ser um tema de trabalho de grande interesse que se poderia articular de maneira muito positiva com o processo que está a ser lançado na Serra de Estrela.

Neste sentido, é importante que este processo se possa desenvolver e integrar num trabalho de rede mais amplo. A Célula de Animação tenciona dar continuidade ao apoio dado até agora, e dispõe de vários instrumentos nesta área. Um é o "trabalho em rede" que é precisamente um instrumento previsto para apoiar os grupos de proximidade após a realização dos seminários temáticos. Outro, é a produção de um caderno temático sobre o tema, que poderá ser produzido após a acumulação de uma certa experiência nesta matéria. Finalmente, poder-se-á ainda constituir um grupo de trabalho específico sempre que isso se justificar.

Todo isto leva-nos também a interrogarmo-nos sobre a melhor maneira de organizar os Seminários que nascem dos grupos de proximidade. Não teria sido melhor organizar este Seminário mais tarde, num momento em que o grupo já tivesse adquirido uma certa experiência, que se revelasse interessante para os outros a nível nacional, como estamos a fazer agora com o grupo de proximidade que trabalha desde Setembro sobre a auto-avaliação e que só em Junho apresentará os seus resultados? Isso é provavelmente verdade, mas dificilmente compatível com os prazos definidos para levar a cabo todo o processo de animação nacional - final de 2001. A questão fica em aberto, e necessitará ainda, provavelmente, de acertos ou de soluções mais adequadas.

Samuel Thirion

A propósito...

Do rigor das palavras



Foto: Paula Santos

1. Como os nossos leitores poderão mais uma vez constatar, nesta estrutura denominada Célula de Animação da Rede Portuguesa LEADER II, não se defende nem pratica a teoria do pensamento único. Exige-se coerência e convergência na persecução dos objectivos, estimula-se a expressão da diversidade de opiniões sobre as diferentes maneiras possíveis de os atingir, levando à prática as de maior consenso, sempre prontos a recorrer às menos consensuais se a experiência feita assim o aconselhar.

2. O Encontro Nacional Temático realizado na Guarda, durante os dias 11, 12 e 13 de Abril, da iniciativa e responsabilidade do Grupo de Proximidade "Serra da Estrela" com o enquadramento e apoio metodológico, logístico e financeiro da Célula de Animação, ofereceu excelentes motivos de reflexão sobre a problemática em discussão—"concepção e elaboração de estratégias de desenvolvimento integrado" mas e principalmente, sobre os princípios e métodos de organização deste tipo de encontros.

Mais uma vez ficou demonstrado que, procurar atingir diferentes objectivos num só evento, é tarefa arriscada. Como diria um velho e sábio amigo meu: trabalho é trabalho, conhaque é conhaque!

A existência de estratégias de "marketing" político envolvendo diferentes níveis e naturezas de poder protagonizadas por pessoas de diferentes sensibilidades, nem sempre convergentes em favor dos valores do D.L., sendo incontornáveis, requerem um enquadramento e experiência ainda inacessível à juventude de muitos quadros técnicos do D. L.

3. As palavras só dizem o que elas querem dizer, ou e também, aquilo que nós pretendemos que elas digam, mesmo quando não as utilizamos ou trocamos do lugar certo?

Ao que parece, a construção de títulos para anunciar e caracterizar trabalhos relacionados com o D. L., dado o seu natural

entrelaçamento acaba, quase sempre, pecando por alguma falta de rigor no seu enunciado. É frequente acabar por "descobrir à posteriori" que na definição encontrada para promover a acção, falta ou sobra, qualquer coisa que pode induzir em erro quem pretendemos informar, por omissão ou excesso "sub-consciente" da nossa parte!

Sem querer procurar "cinco patas ao gato", sou dos que pensam que o nosso "sub-consciente" é evocado muitas vezes a despropósito e que poucos são os que evocando-o não estejam de facto conscientes de que a "falha" é, tão só, a consequência duma falta real de assimilação e domínio da matéria abordada. Seja pelo que for, penso que no enunciado do encontro faltaram duas palavras que poderiam, desde que bem assumido o seu significado, contribuir significativamente para tornar mais objectivas as discussões, delimitando melhor o fundamental do acessório.

"Concepção e elaboração de estratégias de desenvolvimento integrado". Esta era a proposta de discussão

Penso que deveria ter sido: - Concepção, elaboração e execução de estratégias de desenvolvimento local integrado.

Ao propor uma discussão sobre - "concepção e elaboração de estratégias" - sem discutir procedimentos de articulação e de definição das responsabilidades de execução, ficar pela concepção e elaboração sem mencionar expressamente a incontornável interdependência com a motivação, competência e capacidade de quem executa, podemos, por falta de rigor, abrir caminho à especulação.

Especulando, pode pensar-se que os autores talvez tenham sido traídos pelo tal sub-consciente, que apesar da verbalização de certos conceitos mais ou menos ajustados às circunstâncias, ainda continuam a sub-valorizar os executantes, que talvez ainda admitam ou até defendam que os executantes sejam sujeitos diferentes daqueles que concebem! Que talvez

não se dêem conta que, ao propor uma discussão apenas sobre a concepção e elaboração de estratégias, isto possa ser interpretado como simples imitação das práticas tradicionais, onde sobranceiramente se enaltece e reserva para quem tem o poder (mas nem sempre a capacidade, os conhecimentos e a inteligência necessárias) o acto de pensar e planificar, contrariando o princípio "de baixo para cima" que em outros momentos afirmam defender!

4. Por outro lado, a ausência de um indicador da escala espacial para o âmbito territorial das estratégias em discussão, foi, em minha opinião, um elemento determinante para uma certa dispersão das intervenções, permitindo que em nome de pseudo objectividades pouco ou nada analisadas, nos desviássemos do essencial, que era: reflectir sobre novos métodos de conceber, elaborar e aplicar estratégias de desenvolvimento local integrado, (essencialmente em meio rural) aplicáveis VOLUNTARIAMENTE, com as devidas adaptações, pelo conjunto dos grupos LEADER, para, ignorando a noção essencial de "processo evolutivo de concertação", passar imediatamente e sem preparação prévia, à tentativa de montar um exercício virtual de definição de uma metodologia específica de concertação territorial para um território supra local e de características tão singulares no todo nacional como o é a Serra da Estrela.

Ou seja, de um exercício que se pretendia meramente virtual para identificação de metodologias aplicáveis à generalidade da Rede, passar a um exercício específico aplicável a um território concreto.

Por essa mesma razão, as intervenções que se sucederam, disertando sobre os problemas macro políticos, sociais e económicos, sempre importantes para adquirir informações e conhecimentos de interesse para o trabalho local, sem culpa ou responsabilidade de quem as fez, não estiveram adequadas ao objectivo central do Encontro.

Como a noção de LOCAL não foi explicitada nem tida sistematicamente em conta, passamos a discutir de estratégias integradas para espaços territoriais sem definição prévia, mesmo que aproximativa; abrindo uma porta por onde entraram de maneira mais ou menos consciente, propostas mais destinadas a facilitar a obtenção dum "resultado-produto" do encontro, do que a analisar, identificar e estudar as mais eficientes maneiras de afrontar as verdadeiras questões que se põem em relação aos comportamentos e atitudes de Governantes e Governados a todos os níveis, para que a INTEGRAÇÃO DE POLÍTICAS E MEIOS A NÍVEL LOCAL se possa fazer e resulte em acções mais económicas e eficazes para aumentar o bem estar geral e a auto estima de cada cidadão deste País.

5. Em conclusão, parece-nos que se desde o início se tivessem tido mais em conta os aspectos relacionados com a obtenção das condições necessárias ao desenvolvimento de um processo de concertação estratégica a nível de um "território local", talvez tivesse sido possível ir mais longe em relação ao objectivo central do encontro, com resultados mais úteis para a generalidade dos grupos LEADER.

Apesar das reflexões feitas, o trabalho realizado pode vir a revelar-se de grande importância para a aproximação dos Grupos envolvidos, tendo estes, agora, a oportunidade de, se for caso disso, corrigir a aparente precipitação dos passos iniciais.

À Célula, co-responsável pelo trabalho desenvolvido compete também retirar as lições pertinentes de forma a que os próximos Encontros assegurem o aprofundamento do trabalho agora iniciado.

Camilo Mortágua
Alvito, Maio de 2000

VALE DO MINHO EM BARCELONA

26 a 30 de Abril

A ADRIMINHO e a Comarca de "A PARADANTA", ao abrigo do Programa LEADER II e no âmbito do Projecto transfronteiriço "O Rio Minho - ponto de Encontro entre dois Povos", estiveram presentes no Salão Internacional de Turismo em Barcelona, com um stand promocional das potencialidades de todo o Vale do Minho.

ALVARINHO E FUMEIRO

28 a 30 de Abril

Realizou-se em Melgaço a festa do Alvarinho e do Fumeiro - VI Feira Mostra de Produtos Locais. Este evento conta mais uma vez com o apoio da ADRIMINHO no âmbito do Programa LEADER II.

ALDEIAS DE TRADIÇÃO

2 a 7 de Maio

A ADRIMINHO, ADRIL e ATHACA, no âmbito do projecto transnacional elaborado com grupos holandeses e italianos - "Aldeias de Tradição", efectuam uma visita entre os dias 2 e 7 de Maio a Itália. Pretende-se que esta visita funcione como uma missão empresarial de promoção e divulgação dos diversos territórios envolvidos.

"ROTA DAS CASAROTAS"

13 de Maio

A ATAHCA, através da Acção de Revitalização do Centro Rural das Encostas de Mixões da Serra, vai promover o percurso pedestre "Rota das Casarotas", correspondendo a um trajecto rural, ligando três lugares - Brufe, Cutelo e Cortinhas. O percurso terá início cerca das 15 horas, em Vila Verde, terminando ao fim da tarde com um lanche convívio.

(altocavado@mail.telepac.pt; T. 253 323966)

FEIRA CUBA LEADER

25 e 28 de Maio

"Organizada em parceria pelas Associação Terras Dentro e Câmara Municipal de Cuba, com o apoio do Programa Leader e com patrocínios de outras entidades (...) a decorrer disseminada por toda a malha urbana da Vila



Foto: Helder Santiago

de Cuba, onde Associações de Desenvolvimento Local/Rural nacionais e estrangeiras, escolas, autarquias e outros, promovem os valores, os produtos e os serviços do mundo rural.

(terras.dentro@mail.telepac.pt; <http://www.terrasdentro.pt>; T. 266 948070)

SERÕES NA ALDEIA

25 de Maio

"Recuperando o valor tradicional da ceia, as discussões prolongam-se pela noite adentro, aquecidas pelo crepitar da lareira e pelos vapores da cálida doçura do sol do Douro/Tâmega..." Integrado no programa de Animação Cultural "Serões de Aldeia" promovido pela Dolmen, realiza-se na Quinta da Graça, em Resende o painel "Turismo Rural - Diversificar a oferta, novos mercados, valorizar o produto".

CONCURSO FIGUEIRÓ MAIS FLORIDO

1 a 9 de Junho

A Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos promove um concurso com esta designação integrado nas Festas do Concelho. Podem concorrer todos os proprietários de Jardins ou Flores, residentes no Concelho, qualquer que seja a forma como estas estejam plantadas e desde que sejam visíveis da rua, quer estejam em janelas, jardins, varandas, canteiros ou muros.

EXPOSIÇÃO: O RIO ZÊZERE

14 a 25 de Junho

Terá lugar na Escola Básica 2/3 Miguel Leitão de Andrade em Pedrogão Grande, organizada pelos alunos deste estabelecimento de ensino.

IV GÓISARTE

14 a 16 de Julho

Organizada pela ADIBER - Associação de Desenvolvimento de Góis e da Beira Serra em colaboração com a Câmara Municipal de Góis e a Extensão Educativa. Pretende-se constituir uma mostra internacional de arte, abrangendo todas as formas de expressão artística (pintura, escrita, vitral, cinema, fotografia, instalação, pirotecnia, pantomima, teatro, circo, etc.). O certame terá duas vertentes principais: a "Arte ao Vivo" em vários locais da vila de Góis e exposições permanentes com obras dos artistas participantes. Para inscrições, obtenção do regulamento e informações adicionais contactar:

Dália Pires (T. 253 770110), Leonilde Garcia (T. 253 772538 / 253 770110), Rui Catarino (T. 253 772538)

VIII FACIG

5-13 de Agosto

A ADIBER - Associação de Desenvolvimento de Góis e da Beira Serra em colaboração com a Câmara Municipal de Góis, está a organizar a VIII FACIG - Feira Agrícola, Comercial e Industrial de

Góis, que decorrerá de 5 a 13 de Agosto no Parque do Cerejal (adiber@mail.telepac.pt; T. 235 772538)

OUTRAS INICIATIVAS COM INTERESSE

SEMINÁRIO SOBRE PROTECÇÃO SOCIAL

12-13 de Maio

Organizado pelo Ministério do Trabalho e da Solidariedade em colaboração com a Associação Portuguesa de Segurança Social, realiza-se no Porto, o seminário "Os Novos Desafios da Protecção Social: a Dependência" (T. 21 8441731; aluis@mts.gov.pt)

PENSAR A GLOBALIZAÇÃO — GLOBALIZAR AS RESISTÊNCIAS

19-20 de Maio

Na Faculdade de Letras, em Lisboa "...serão abordados temas relativos à agro-indústria, à economia e suas relações com os poderes políticos e de regulação, aos aspectos culturais, à globalização das resistências e aos trabalhadores..." Mais informações:

Lígia Calapez Gomes <lígia.calapez@clix.pt>

3º CONGRESSO NACIONAL DE ECONOMISTAS

AGRÍCOLAS

25 e 26 de Maio

Organizado pela Associação Portuguesa de Economia Agrária (APDEA) vai organizar, em Lisboa, no Instituto Superior de Agronomia, com o tema geral: "A Agricultura Portuguesa numa Economia Globalizada". O Congresso será organizado em três secções: "As Dinâmicas do Espaço Rural"; "Competitividade e Inovação no Sector Agro-Alimentar"; "Agricultura e Ambiente". Na manhã do dia 25 realizar-se-á uma sessão plenária, seguindo-se os trabalhos por secções. No último dia decorrerá um painel para análise e debate do tema geral com a presença de oradores convidados (<http://agricultura.isa.utl.pt/apdea2000/entrada.htm>)

37ª FEIRA NACIONAL DE AGRICULTURA

17 a 25 de Junho

No CNEMA, em Santarém, 60 hectares com 500 artesãos, largadas de toiros e corridas de cavalos, folklore, jogos tradicionais e animação cultural, milhares de cabeças de gado, máquinas e equipamentos, tasquinhas populares, fandango e fogo de artifício. É assim a Feira Nacional de Agricultura, Feira do Ribatejo! Mas a feira é também um fórum próprio para a reflexão sobre os problemas, as dificuldades e as estratégias de desenvolvimento do mundo rural (<http://www.cnema.pt/feira.html>; T. 243 300300).

1º CONGRESSO MUNDIAL DO SOBREIRO E DA CORTIÇA

15-18 de Junho

Organizado pela AGRO-GES no Parque das Nações em Lisboa. Com o objectivo de promover uma reflexão aprofundada sobre este sector e sobre os principais aspectos que vai enfrentar no limiar de um novo século. Mais informação no site <http://www.worldcorkcongress.com/>

ENCONTRO "OLHARES SOBRE O RURAL"

30 de Junho a 1 de Julho

Pretende-se ainda que cada participante tenha a oportunidade de exercitar o Seu Próprio Olhar sobre o rural. Para o efeito, organiza-se uma exposição de fotografias e um percurso que permitirão ler, em diversas paisagens, as marcas de quem nelas teve, e continua a ter, o seu quadro quotidiano de vivências e sociabilidades, bem como os equilíbrios e re-equilíbrios de uma natureza profundamente transformadora. No Auditório da Escola Superior Agrária de Ponte de Lima, uma organização da Sociedade Portuguesa de Estudos Rurais e Escola Superior Agrária de Ponte de Lima (olhares@esa.ipvc.pt; www.esa.ipvc.pt/web/olhares).

E AINDA...

CURSO DE ETNOBOTÂNICA

4-9 de Setembro

A UTAD, conjuntamente com a Equipa do Projecto Etnobotânica Transmontana e a Fundação Rei Afonso Henriques, está a organizar um Curso Livre de Etnobotânica em Vila Real e Miranda do Douro. As pré-inscrições devem fazer-se até 15 de Maio (<http://www.utad.pt/~etnobotn/Index.htm>)

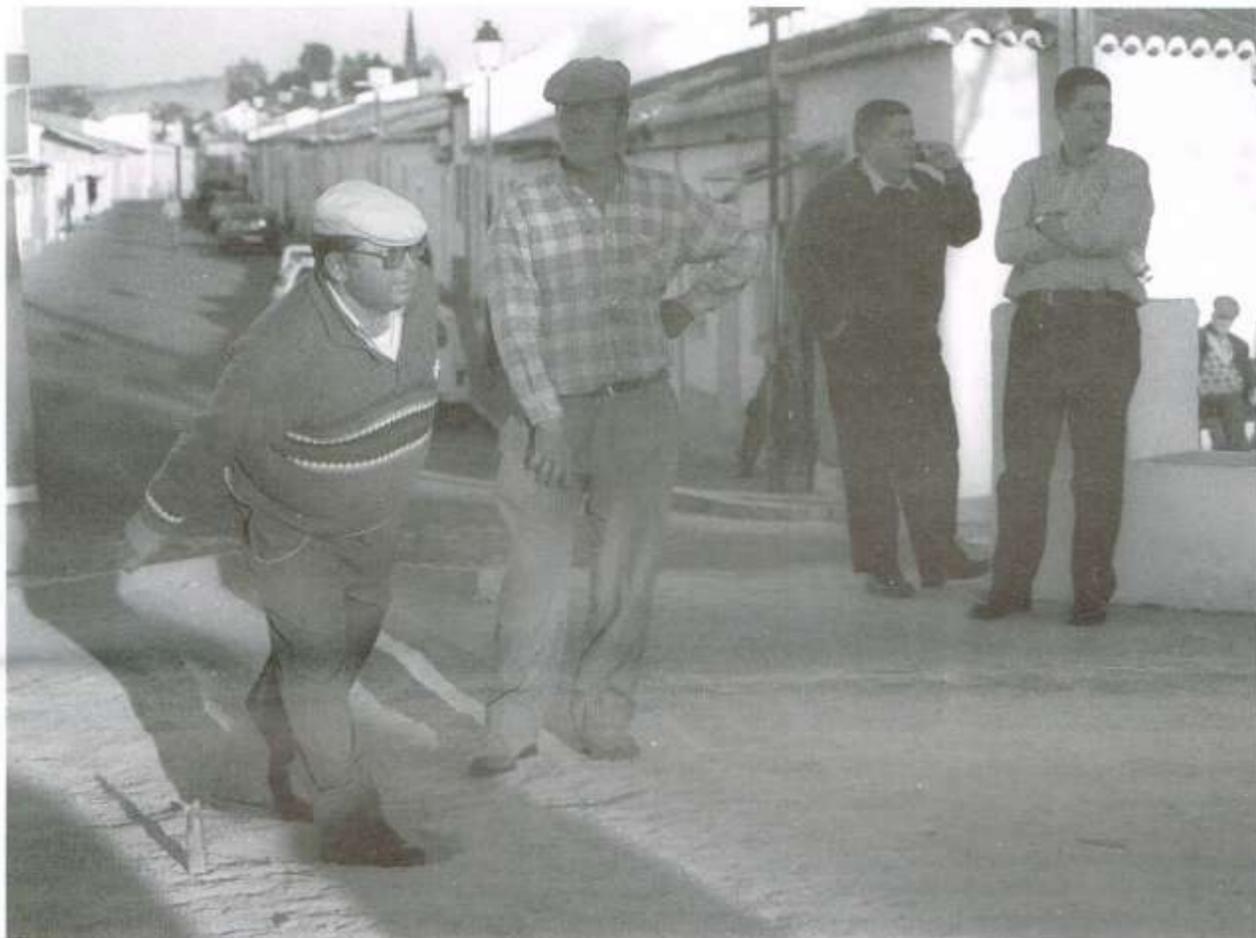
PROGRAMA LIFE

31 de Outubro

A terceira fase (2000-2004) do Programa LIFE para o ambiente teve início em Janeiro. A data limite para apresentação de candidaturas é 31 de Outubro de 2000.

Oficina de troca de experiências de Serpa

A caminho da definição de ADL



texto e foto
 Maria do Rosário Aranha

Ser ou não ser ADL (associação de desenvolvimento local)? Porque é que esta questão foi, precisamente, levantada em Serpa? A oficina foi diferente. As associações não descreveram experiências de projectos isolados no tempo e no espaço. A IN LOCO, a ESDIME, a Rota do Guadiana e a Vicentina falaram, principalmente, de génese, estrutura e metodologia de trabalho. A afinidade entre os quatro vai mais longe que a simples proximidade geográfica. Nos dias 2 e 3 de Março, semeou-se um terreno fértil, com a promessa de muito trabalho em perspectiva.

As exposições foram densas e ricas em informação. No entanto, um só dia bastou para alimentar a reflexão dos participantes. Na manhã seguinte, a Rota do Guadiana, grupo anfitrião, levava a malta toda para o Kartódromo de Vila Nova de São Bento, projecto do Centro Rural. Sim, de facto, cerca de 8 agentes de desenvolvimento puseram o capacete e deram umas voltas no circuito. Mas isto só aconteceu depois de terem digerido e discutido alguns dos temas mais importantes do desenvolvimento local.

Resumindo, as linhas de força das apresentações da véspera partiram em três sentidos: a intervenção junto dos jovens, baseada numa estrutura e numa estratégia; o trabalho efectivo com as populações, próprio da intervenção das associações, a territorialização da intervenção e a descentralização da gestão e animação dos programas. Nestes dois últimos pontos, os modelos diferem de associação para associação, para atingirem os mesmos pontos-chave. Segundo Francisco Botelho, "é uma área que neste grupo de proximidade se apresenta como uma mais-valia declarada em relação a todo o restante universo do LEADER."

Mas nem tudo são rosas. Pois, mesmo a sul do Tejo, a comunicação não é sempre uma constante. Pedro Dornellas, da Vicentina, fala nas dificuldades de cooperação e na eficácia das redes. "Ou nós, ADL, conseguimos de uma maneira descomplexada abordar esta questão, encontrar a matriz que origina estas dificuldades para construir soluções, ou então fazemos como a avestruz: metemos a cabeça na areia e fazemos declarações muito bonitas, que caem bem a todos. Eu atribuo estas dificuldades de cooperação entre vizinhos a uma lógica de competitividade entre ADL, que resulta da necessidade de sobreviver."

O objectivo LEADER+ constituir-se-á, talvez, como uma das razões de superar este complexo da competição. O futuro quer que uma estratégia concertada de cooperação a nível territorial seja sinónimo de valorização e força para as associações. Ana Alexandre, da Rota do Guadia-

na, abordou esta questão com serenidade, quando disse que, a nível do Alentejo conseguiram implementar um conjunto de projectos em cooperação e que, hoje, já estão muito melhor preparados do que estavam à partida, há seis anos atrás.

Ser ou não ser ADL !

Dois técnicos da Terras de Sicó deram-se ao trabalho de descer até ao Alentejo, para, precisamente, retirar o sumo destas histórias modelo do desenvolvimento local em Portugal. Carlos Graça, coordenador do GAL, confessou: "a capacidade de interligação é uma das coisas que me faz ter uma grande admiração por esta região. Estão muito mais adiantados do que nós, que ainda temos muito caminho para percorrer. Há outra questão, que é a forma de organização das entidades, enquanto que aqui, há, de facto, uma grande componente privada, muitas vezes, no norte e no centro sobretudo, o nosso estatuto é privado, mas a nossa organização não o é. Há uma forte componente pública e é ela que condiciona muitas vezes, de maneira muito evidente as tais parcerias." Daí a necessidade de ligação, de encontro e de troca.

Este testemunho da diferença entre práticas de desenvolvimento local trouxe para a mesa um assunto escaldante: a certificação das associações de desenvolvimento local. Por um lado, falou-se na consensualização da ideia, a nível nacional, do que é uma ADL, que passa por duas componentes principais: o projecto associativo e a estratégia de intervenção, e, por outro lado, verificou-se uma reacção, quase que epidémica, a um instrumento, considerado autoritário e condicionador. Há quem mencionasse também o medo da avaliação por parte das associações que já tiveram o LEADER. Pedro Dornellas, advogado do diabo, lançou mais lenha para as brasas: "nós que tivemos um ou dois LEADER, temos trabalho realizado, que pode ser avaliado e essa é a diferença entre nós e o resto do mundo que pode fazer candidaturas. Os outros, a única coisa que têm para comparar é a qualidade da candidatura. Nós, supostamente, estamos mais habilitados, pelo currículo, a produzir uma candidatura melhor, mas nada impede que outros produzam uma excelente candidatura. Senão, nós que já cá estamos, podemos continuar, e isto significa que, quem quer começar não pode entrar. Aquele discurso político muito bonito, que nós fazemos: da participação, da cidadania,...na prática quando chegamos a estas alturas somos uns tiranos, que excluimos tudo e todos que possam fazer concorrência, pela sobrevivência, pelo direito à continuidade."

A definição da ADL nunca saiu da sala, insinuou-se no debate de tal forma, que, quando foi abordada a questão do tema da acção de formação, voltou para cima da mesa, para ficar. Num primeiro momento, a escolha, quase unânime, centrou-se no associativismo, como instrumento de mobilização das populações e como estratégia dinamizadora de intervenção das ADL. Daí a estudar o caso concreto do que é a ADL, no âmbito do associativismo, bastou um passo, que foi feito. Como para fazer uma omelete são precisos ovos, também foi sugerido que o programa da formação incluisse um capítulo, dedicado ao tema da engenharia financeira.

Insensivelmente, afinou-se o tema principal desta acção, que passou a ser: o estatuto das ADL e o incremento do associativismo como instrumento de mobilização das populações e estratégia dinamizadora de intervenção das ADL. Para David Machado, da Rota do Guadiana, dá-se, assim, uma contribuição ao país ao escolher esta matéria. Conscientes da dimensão e da importância desta tarefa, o grupo de proximidade encarou também a possibilidade de se constituir como grupo de trabalho para dar continuidade às reflexões que sairão da acção de formação.

III workshop da Loja do Mundo Rural

À volta das voltas do linho



fotos: paula santos

A emigração, a crise das pequenas explorações agrícolas e as transformações económicas dos últimos anos quase acabaram com o outrora florescente ciclo do linho.

Felizmente há gente que tem dedicado anos de trabalho à recuperação das tradições ligadas ao linho. "Mulheres de armas" como alguém, já lhes chamou, um dia.

A D. Adelaide (de quem já falámos) é uma destas mulheres. Numa das mais recônditas aldeias do Gerês tem vindo a desenvolver um trabalho notável, recuperando as técnicas tradicionais e adaptando-as às novas exigências de qualidade.

As dificuldades têm sido mais que muitas, mas D. Adelaide, à beira dos 80 anos, não pára. E sempre que surge uma oportunidade para aprender ou ensinar lá está ela; na primeira fila, se possível. Por isso, quando chegou o convite para participar no III workshop da Loja do Mundo Rural, não hesitou.

Foi nesta iniciativa da ProRegiões, que decorreu na Estalagem dos Morgados, em Montalegre, nos dias 5 e 6 de Abril, que o "Pessoas e Lugares" foi encontrá-la, mais uma vez.

O objectivo era desenlear as voltas do linho abordando questões ligadas às novas tecnologias nas produções artesanais, os apoios estatais para o artesanato, a importância da formação e do mar-

keting na actividade, e o contributo das Associações de Desenvolvimento Local (ADL) nisto tudo.

Para isso, a responsável pela organização endereçou convites a alguns "especialistas" na matéria. Foi assim possível aos participantes (cerca de 40 - artesãos na maioria) ouvir contar a história do linho e das várias fases que este fio atravessa - da sementeira à tecelagem, e ficar com uma ideia de como se cultiva na Galiza e que fim leva. E ainda conhecer o presidente da Comissão Nacional para a Promoção dos Ofícios e das Microempresas Artesanais, o que é o PPART (Programa para a Promoção dos Ofícios e das Microempresas Artesanais), o que têm andado a fazer e esperam desenvolver durante este ano, e ficar a saber - e esta questão interessou particularmente os artesãos que não se coibiram de fazer perguntas - que o processo do chamado estatuto sócio-profissional do artesão (tão almejado) está a avançar a passos largos. Uma nota de positivismo a terminar os trabalhos do primeiro dia, depois de um início menos cor-de-rosa com a apresentação do programa das escolas-oficinas do IEFP (Instituto do Emprego e Formação Profissional) pelo vice-presidente da Câmara Municipal de Montalegre.

No segundo dia, os participantes alegraram-se ao saber que no CEARTE (Centro de Formação Profissional do Artesanato) existe um programa de formação contínua de artesãos, nomeadamente

um curso de artesanato têxtil ordenado a partir de três vertentes: formação sócio-cultural, uma componente teórico-tecnológica e formação prática. Por outras palavras, 2.250 horas para dar competência nesta área a quem a precisa e procura.

Para alguns, a alegria foi ainda maior, porém, quando ficaram a saber que existe um espaço em Lisboa criado a pensar nos artesãos, cuja principal tarefa tem sido apoiá-los na comercialização das suas obras. Chama-se Loja do Mundo Rural e, muito possivelmente, depois deste encontro, vai acrescentar à lista de fornecedores mais alguns nomes, começando logo pela primeira letra do abecedário com uma associação que tem feito do linho a sua maior batalha e de Covide um lugar exemplar.

A fechar, uma palavra das ADL. O que têm feito para ajudar os artesãos, sobretudo no âmbito do Programa LEADER, onde este apoio está previsto. A serem contempladas com o próximo LEADER, as associações presentes (Ader-Sousa, Adirn, Adrat, Adriminho, Atahca e Tagus) têm por objectivo continuar a fazê-lo.

E foi assim. Para uns, uma oportunidade para ouvir falar do que não conheciam; para outros, partilhar o que sabem; para todos, aprender!

Paula Santos

Organizar o desenvolvimento local em espanhol. E em português?

"no desenvolvimento rural temos que começar a criar o nosso lobby"...

(Eng. Victor Barros, Secretário de Estado do Desenvolvimento Rural)

... "não esticando a manta, mas aumentando a manta"

(Angel de Prado, da Rede Española de Desarrollo Rural (REDR))



Foto: Álvaro Rosendo

No dia das mentiras, uma cortina de chuva subjugou Peniche. No dia 1 de Abril, Peniche foi o palco de dois momentos importantes da agenda do desenvolvimento local. Entre uma Conferência sobre a "Organização Autónoma do Desenvolvimento Local e Medidas do QCA III para o Desenvolvimento Rural" e a Assembleia Geral da animar (Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Local), pouco tempo sobrou para respirar o ar marinho da cidade piscatória. De manhã, Angel de Prado, da Rede Española de Desarrollo Rural (REDR), e o Secretário de Estado do Desenvolvimento Rural falaram em lobby, à tarde, a animar invocou o virar duma página.

O principal orador da Conferência veio da vizinha Espanha. Angel de Prado traçou as linhas de força do seu país em matéria de "Organização Autónoma do Desenvolvimento Local". A Rede Española de Desarrollo Rural nasce no fim de 1995, com o objectivo de promover o desenvolvimento rural. No fim do LEADER I, a entrada na fase de transição impunha a união e organização de forças. Entre os grupos existia a percepção de possíveis problemas na eleição de novos territórios. Nasce o grupo de pressão. Hoje, integram a rede cerca de 162 Grupos de Acção Local (GAL) de todo o território espanhol. Gerem a Iniciativa Comunitária LEADER ou o Programa Nacional Espanhol PRODER. Por enquanto, ainda não entraram na Rede grupos fora deste universo. O futuro é sinónimo de mudança. Outras associações poderão vir a ser admitidas, mas sob uma condição: terão que assumir uma "abordagem" LEADER. Prevê-se, assim, que este alargamento venha a acontecer com o arranque da Iniciativa Comunitária EQUAL. Isto é, em oposição à

URBAN, pois Angel de Prado sublinha que a Rede espanhola possui, decididamente, uma vocação rural.

Um dos primeiros feitos e motivos de orgulho da REDR é a criação de um programa informático que facilita, organiza e sistematiza o trabalho dos agentes de desenvolvimento. A Rede encomendou este trabalho a uma empresa especializada. O objectivo era arrancar os técnicos das suas cadeias burocráticas. Assim, por exemplo, todo o tipo de formulários que pontua o trajecto burocrático dum processo está à mão, basta um clique. Outro feito, este software permite um controlo rápido do trabalho. No dia-a-dia, o pacote numérico transforma-se numa prova de eficácia junto da administração pública. Os técnicos podem, assim, reaprofundar uma maior proximidade com o terreno.

A rede espanhola está, neste momento, ocupada a elaborar um Livro Branco sobre as necessidades de formação no sector do desenvolvimento rural. O destaque vai para a formação de jovens e para a formação permanente dos técnicos e responsáveis, tanto das associações como dos instituições locais. Recorrendo ao programa LEONARDO, quer-se promover a formação via Internet, sinónimo de rapidez, qualidade e acessibilidade. Quanto ao universo dos mais de 600 técnicos do LEADER, terá que passar as portas das universidades, contribuindo, assim, com a experiência própria para a formação prática dos estudantes. Esses mesmos estudantes poderão mais tarde integrar, no quadro de estágios, os GAL.

To lobby or not to lobby?

Neste último ano, a Rede espanhola dedicou-se,

obviamente, ao LEADER+. Segundo Prado, uma das vitórias do grupo resultou da pressão exercida junto do Comité STAR, quanto ao tema da cooperação transnacional. O lobby funcionou, no sentido de fazer explodir os limites considerados, previamente, para esta medida. A REDR fez barreira às fronteiras impostas e assume a responsabilidade de, hoje em dia, a cooperação transnacional estar aberta a todos os países.

Dentro do espaço europeu, a Rede espanhola ocupa uma posição de destaque. Segundo Angel del Prado, "a francesa: tem poucos grupos, não tem muita importância; a italiana: está desprestigiada; quanto à grega, tenho sérias dúvidas; os nórdicos são frios! Dão-se tão bem com a administração que não precisam de exercer nenhuma pressão." E os portugueses? Angel del Prado dirigiu um apelo à adesão de Portugal. O próximo passo é contribuir para que a Rede Europeia de Desenvolvimento Rural se torne efectiva. Está agendada, a esse respeito, uma Conferência sobre o Futuro das Redes de Desenvolvimento, nos dias 6, 7 e 8 de Junho em Ciudad Real.

Já passaram cinco anos desde a criação da REDR e a história está-se a repetir, mas, desta vez, com algumas nuances. Tal como quando da sua constituição, os grupos estão a entrar para uma nova fase de transição. A união fez e fará a força. Esta é também a mensagem de Angel Prado, "há que ouvir as nossas associações, as nossas redes, as nossas animar; há que preparar a questão da selecção dos grupos." Daí o principal objectivo ser o de marcar a presença aquando das negociações sobre os critérios de selecção. O interesse é cobrir todo o território espanhol, seja com o LEADER ou o PRODER, "não esticando a manta, mas aumentando a manta".

Visivelmente satisfeito com a apresentação espanhola, Victor Barros felicitou o orador e relevou o carácter importante e muito oportuno desta iniciativa. Destacou a importância da "pressão, do lobby que se pode e deve fazer" e lembrou o lobby fortíssimo do lado agrário. Embora devam todos remar na mesma direcção, existe ainda, muitas vezes, um hiato entre a agricultura e o desenvolvimento rural. Deste lado, diz Victor Barros, as coisas estão dispersas e no meio de tudo transparecem os buracos. Interpelando David Machado, da Associação Rota do Guadiana, o Secretário de Estado, relembrou o Seminário de Serpa, quando centrava o seu discurso nessa temática: "no desenvolvimento rural temos que começar a criar o nosso lobby". Já na fase de transição entre o LEADER I e o LEADER II, Victor Barros comentava que não tinha sentido pressão nenhuma. A história repete-se e, por isso, há que fomentar "movimentos organizados".

Embora seja do conhecimento geral que a manta não vai chegar para todos, e que isso, precisamente, representa um factor de desunião em potência, a esperança é a última a morrer: "como a taxa de incumprimento portuguesa é baixa e as pessoas sérias", o quadro não poderá ser tão negro. Aliás, está provado que a reproductividade do dinheiro é muito maior quando a gestão é das ADL e não está nas mãos da administração. O secretário de Estado realçou o estatuto da animar como interlocutor principal do Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural para o desenvolvimento local-rural.

Maria do Rosário Aranha

Barrancos

Quando tudo o que vem à rede é LEADER



Fotos: Rosário Aranha



Barrancos, 15 de Abril do ano 2000. Um autarca convoca uma conferência de imprensa. Normal. Queixa-se da falta de apoios. Normalíssimo. Fala em discriminação. Erguem-se as cabeças. António Tereno, presidente da Câmara de Barrancos insurge-se. "Dão-nos sova, escorraçam-nos! Mas vamos continuar a fazer as coisas, mesmo sem apoios!" A excepção que confirma a regra chama-se LEADER.

António Tereno convidou a comunicação social para um conversa informal. Conversa informal, ma non troppo. Decorreram muitos meses, desde o Agosto polémico, e o saldo barranquenho do desenvolvimento continua negativo. A começar pela saúde. Barrancos tem uma população envelhecida. Durante a semana, um só médico assegura o serviço, enquanto que ao fim-de-semana, a própria Câmara é forçada a fazer sua esta responsabilidade, pagando um profissional. Para o futuro próximo, a solução terá de vir do outro lado da fronteira, com um médico espanhol.

Estamos a ser discriminados." Os exemplos chovem. O veto mais duro verificou-se com o PEDIZA. Barrancos candidatou-se a este programa, de apoio ao desenvolvimento nos concelhos abrangidos pelo empreendimento do Alqueva, com 13 projectos. "Todos foram devolvidos. Somos a única autarquia que não viu nenhum projecto aprovado. Há discriminação por parte de quem gere os Fundos Comunitários."

A lista é longa; o Interreg devolve um projecto de recuperação e dinamização do Vale do rio Murtega; o IPPAR ignora a recuperação do Castelo de Noudar; o programa PROCOM tem feito "pouco ou nada" e o programa POLIS "é óbvio que estamos de fora".

Em termos económicos, a população de Barrancos desenvolvia dois principais sectores de actividade: a agricultura e a pecuária. A primeira acabou, enquanto que a segunda resiste, e bem. Graças ao apoio constante dos autarcas e agentes económicos locais, o sector pecuário, mais precisamente, as unidades de transformação, está em expansão. O próximo encontro gastronómico está agendado para os dias 13 e 14 de Maio, aquando da 2ª Feira dos Presuntos e dos Enchidos.

Segundo António Tereno, a contribuição autárquica de 2500 contos é muito baixa. Há que inverter a tendência nacional: os apoios do poder central têm que vir para o interior, para os municípios mais necessitados, não só para o litoral. Para remediar a esta falha que divide geograficamente o país, as escapatórias são poucas. Os únicos elogios do presidente vão para o Programa Nacional de Luta contra a Pobreza e para o LEADER. O "ponto de exclamação" vai para o LEADER. Mesmo se "as verbas são poucas, o LEADER não está centralizado, está em associações com uma visão muito boa do que é o Interior. Tem a ver com pequenos projectos e necessidades locais".

A Câmara Municipal, um agente de desenvolvimento

"Para comprar um folha de papel vegetal, é preciso fazer 50 km. Para ir a uma consulta, é preciso fazer 70 km. Há que resolver a questão da interioridade." Para Miguel Rego, assessor do presidente da Câmara, face a esta situação a solução passa por a "Câmara Municipal de Barrancos se transformar num agente de desenvolvimento local".

"A ponte que liga Barrancos ao resto do país, tem pouco mais de 30 anos. O nosso caminho é deste lado." E deste lado, também acontecem coisas: o processo de alteração do PDM; a criação de uma empresa municipal, virada para a exploração de xisto; a recuperação da zona histórica da cidade; um estudo sobre o dialecto barranquenho, para atingir um reconhecimento futuro, à imagem do Mirandês; um estudo antropológico, realizado pela Universidade de Évora, sobre a identidade e as tradições locais; a criação de dois núcleos museológicos; um estaleiro europeu de construção tradicional, com escolas italianas, francesas e espanholas; a construção dum Parque de Campismo; a reabilitação de caminhos agrícolas comunitários; um Lar da 3ª idade; um complexo de atletismo; o Cine-teatro; etc.

Lisboa fica longe. Porque não procurar o horizonte do lado donde nasce o sol? Barrancos está empenhada num grande projecto transfronteiriço, que reunirá 4 municípios portugueses (Moura, Barrancos, Serpa e Mértola) e 4 espanhóis (Rosal de la Frontera, Aroche, Encinsanola e Paymogo). O projecto Horizonte 2006 insere-se na Iniciativa Comunitária Interreg, vale 8 milhões de contos e vai prolongar-se durante 7 anos. As entidades promotoras são a Associação de Municípios da Margem Esquerda do Guadiana, a Rota do Guadiana e os Ayuntamientos espanhóis. A gestão do programa estará a cargo da primeira associação transfronteiriça, a nível nacional, com uma sede de cada lado da raia. Porque do problema da interioridade sofrem os dois lados.

Maria do Rosário Aranha

Associação Rota do Guadiana Projectos aprovados no concelho de Barrancos

Núcleo de Acção Local de Barrancos. Aquisição de equipamento e recrutamento de um técnico para constituição do Núcleo de Acção Local do concelho de Barrancos.

Comparticipação Leader
4.970.000\$00

Animador do Núcleo de Acção Local de Barrancos. Recrutamento e selecção de um animador para integrar o Núcleo de Acção Local e a rede de animadores Leader do Programa Margem Esquerda do Guadiana.

Comparticipação Leader
4.163.988\$00

IV Encontro Internacional de Bandas Cívicas. Organização de encontro internacional de bandas cívicas. Edição de cartazes e livro promocionais do evento bem como troféus e placas comemorativas.

Comparticipação Leader
195.241\$00

Criação de Alojamento Turístico em Barrancos. Remodelação de habitação tradicional para fins turísticos com criação de 4 quartos, sala para hóspedes e cozinha. O projecto prevê a realização de obras de adaptação do imóvel, aquisição de mobiliários e outros equipamentos imprescindíveis ao projecto.

Comparticipação Leader
8.324.747\$00

Alojamento TER na Courela do Seixo Branco. Recuperação de habitação tradicional inserida em herdade e destinada a unidade TER. Prevê-se a criação de 4 quartos com wc privativos e zonas de lazer comuns (salas de estar, de refeições e recreio).

Comparticipação Leader
10.000.000\$00

Parque de Campismo de Barrancos. Instalação de um parque de campismo rural na zona da Volta do Torno. Construção de zona de acolhimento com capacidade para 20 tendas, estrutura de controlo de acesso, parque de estacionamento, bar, acessos internos, instalação de rede de águas, esgotos e construção de fossa séptica.

Comparticipação Leader
14.961.724\$00

Remodelação de Restaurante em Barrancos. Requalificação de espaço destinado a funcionar como restaurante; construção de wc's, aquisição de equipamentos para cozinha e sala de jantar.

Comparticipação Leader
1.282.126\$00

Mediateca do Museu Municipal. Criação de um centro multimédia no Núcleo de Arqueologia e Etnografia do Museu Municipal de Barrancos, facilitador do acesso à informação histórica, ambiental e turística, disponível localmente ou com recurso à internet.

Comparticipação Leader
1.282.126\$00

Actividades Aquáticas -Canoagem. Aquisição de material desportivo (canoas, kayaks e material de apoio) com o objectivo de dinamizar as actividades náuticas na região.

Comparticipação Leader
253.422\$00

Arranjos de Espaços de Animação Sociocultural. Remodelação do espaço designado por Quintalão de festas, onde se realizam as tradicionais festas de Barrancos. O projecto consiste na construção de cobertura do espaço, palco, camarins, e casas de banho.

Comparticipação Leader
852.000\$00

Arranjos na Pedreira do Mestre André. Aquisição de máquina de corte, reforço dos patamares de extracção com plantação de barreira arborizada, limpeza das encostas, aproveitamento do subproduto, melhoria nas áreas de recepção de clientes; montagem de zona de exposição e decoração de interiores.

Comparticipação Leader
2.247.123\$00

Remodelação de Salsicharia. Realização de obras de adaptação e aquisição de equipamentos para salsicharia artesanal - classe D.

Comparticipação Leader
3.013.339\$00

I Feira do Presunto e Enchidos de Barrancos. Realização de certame promocional do presunto e enchidos com o objectivo de incrementar a produção destes produtos na região.

Comparticipação Leader
1.417.508\$00

Centro de Educação Ambiental de Barrancos. Recuperação de antigas casas localizadas dentro da muralha do castelo de Noudar para centro de educação ambiental, estando prevista a valência de acolhimento (dormitório), sala de formação equipada e material de apoio.

Comparticipação Leader
10.420.498\$00

Seminário da Guarda

A plataforma da Serra da Estrela



Foto: Rosário Aranha

Na Serra da Estrela nasce a primeira plataforma de concertação. A fonte chama-se Grupo de Proximidade "Serra da Estrela", constituído pelas Associações ADERES, ADRACES, ADRUSE, PRO-RAIA E RUDE. Nos dias 11, 12 e 13 de Abril, este grupo promoveu na Guarda um seminário subordinado ao tema, "Concepção e Elaboração de Programas de Desenvolvimento Integrado". Epílogo da animação em três actos da Célula de Animação da Rede Portuguesa LEADER II, o seminário temático foi fruto de um longo trabalho de reflexão. A plataforma é o prólogo de uma obra que vai ser escrita pelas associações, populações e instituições locais-regionais.

No espaço de três dias, oradores e intervenientes sucederam-se na tribuna. O seminário registou três momentos altos: a apresentação da experiência irlandesa, a cargo de Anthony Leddy, membro da direcção do grupo Cavan-Monaghan; a mesa redonda de dois grupos de trabalho e a reprodução da dimensão integrada do seminário, através do tema "Instrumentos Financeiros de Apoio ao Desenvolvimento Integrado no âmbito do QCA III", destacando-se aqui, entre muitas outras, as intervenções de Nuno Jordão, presidente da Comissão Nacional de Gestão do programa LEADER, e Vítor Barros, Secretário de Estado do Desenvolvimento Rural.

Anthony Leddy dedicou grande parte da sua vida ao movimento cooperativo na Irlanda. Envolveu-se, assim, na defesa dos pequenos agricultores, ameaçados por um mercado global agrícola em mutação. Participou também em organizações agrícolas a nível nacional e europeu, até integrar a Comissão Social e Económica Europeia, em Bruxelas. Em 1991, criou, juntamente com outras pessoas, a Sociedade Cooperativa para o Desenvolvimento Rural de Cavan-Monaghan. No ano a seguir, candidatava-se ao programa LEADER I. "Este passado ligado ao movimento coo-

perativo revelou, para mim, a importância de trabalhar no sentido duma abordagem integrada, envolvendo na direcção todos os actores chave e de adoptar uma abordagem pró-activa na identificação e no encorajamento da participação, ao nível da tomada de decisão."

Na tarde de Terça-feira, os participantes do Seminário dividiram-se em dois grupos distintos. O representante irlandês juntou-se ao Grupo de Trabalho nº1, cujo tema de debate e de reflexão era a "Elaboração e operacionalização de uma estratégia de desenvolvimento integrado para o território". No andar inferior, o Grupo de Trabalho nº2 discutia o "Contributo do LEADER para uma abordagem territorial de desenvolvimento integrado".

A escolha do tema do Seminário não foi inocente. A organização do Seminário reivindicou a vontade de ultrapassar o âmbito reduzido deste encontro pontual e preparar assim, quanto antes, o território "Serra da Estrela" para uma estratégia local integrada. "Pretendemos assim, olhar para o futuro dos nossos territórios de uma forma conjunta e integrada, permitindo otimizar e rentabilizar a eficácia e o impacto da utilização dos recursos, endógenos e exógenos, disponíveis, tendo como princípios orientadores uma lógica de coesão territorial e social, baseada na participação transversal e solidária dos cidadãos." O pontapé de saída, a nível institucional, para o trabalho em cooperação, em parceria e em rede ficou agendado para o terceiro dia do encontro. Assim, uma mão cheia de intervenientes, oriundos de vários horizontes institucionais foram convidados para tratar várias variações sobre o mesmo tema: os instrumentos financeiros de apoio ao desenvolvimento integrado no âmbito do QCA III. Falou o Director Regional do Centro do Ministério da Economia, o representante da Delegação Regional do IEF, o Presidente da Comissão de Coordenação da Região Centro, o Director Regional de Agricultura

da Beira Interior, o representante do Centro Regional de Segurança Social do Centro e o director da Direcção Regional do Ambiente do Centro.

O último dia concentrou muita informação. Do lado das ADL, muitas associações apareceram ou ficaram para ouvir novas do LEADER+. Segundo o Secretário de Estado do Desenvolvimento Rural, Portugal quer propor à Comunidade Europeia que "sejam elegíveis ao LEADER+ as zonas actualmente cobertas pelo LEADER II e, consequentemente, a selecção de um número de Planos de Desenvolvimento Local (PDL) equivalentes". Quanto aos critérios para a qualificação das candidaturas ao LEADER+, é valorizado "o potencial de criação de emprego; acções centradas em jovens, mulheres e desempregados de longa duração; a complementaridade com intervenções inscritas no QCA III; estratégias de desenvolvimento delineadas em torno de um tema específico da zona de aplicação e das suas potencialidades endógenas; objectivos definidos num óptica de sustentabilidade do território e viabilidade económica dos projectos; dinamização e reforço da organização e capacidade de iniciativa das populações". Em forma de conclusão das diversas apresentações do seminário sobre o tema dos instrumentos financeiros do QCA III, Vítor Barros rematou dizendo que, o QCA III contava com vários instrumentos de intervenção, através dos quais as ADL poderiam potenciar a iniciativa LEADER+, complementando-a e integrando-a no processo de animação, promoção e dinamização, ao nível de apresentação e elaboração de projectos. O secretário de Estado congratulou-se com o trabalho do grupo de proximidade, considerando que a plataforma de concertação "será uma das vias a explorar futuramente".

Maria do Rosário Aranha

Bastidores do Seminário



Foto: Paula Santos

apresentar, num futuro próximo, em termos de candidaturas ao QCA III.

Este seminário, teoricamente, é um seminário aberto à comunidade, e a verdade é que a comunidade só vem ouvir as conclusões, a comunidade não participa nos trabalhos.

Trocaram-se algumas experiências entre os participantes, nem todas foram positivas, o que é bom, porque houve o à vontade para se falar mesmo do que é ideal e do que na prática acaba por acontecer. Acabámos por ter um trabalho, na apresentação das conclusões, muito semelhante ao do grupo 1, só que no grupo 1 trabalharam para a região e já delinearum um esquema de trabalho para uma região. É isto que eu critico, e que não deveria constar das conclusões do seminário.

Este tipo de reflexão, a nível regional, já existe e já começou a ser trabalhado nos Açores entre as associações, não numa Comissão Local de Acompanhamento formal, mas numa reunião que houve, precisamente, para reflectirmos a nível da estratégia regional, e não de cada uma das associações.

Catarina Soares (ADELIAÇOR)

Pelo facto de estar a ser organizado por 4 ou 5 grupos da Serra da Estrela, focalizou-se muito o problema, o objecto na Serra da Estrela, e isso fez com que se perdesse um pouco dos contributos de pessoas presentes, pertencendo a outras associações, esse aspecto penso que foi o menos positivo de todo o encontro.

O que se passa nos bastidores e aquilo que se consegue ler nas entrelinhas acaba sempre por ser mais importante, e é isso que eu realço neste encontro. O mais positivo são as inter-relações que se vão criando entre técnicos e alguns políticos.

Ana Souto (DUECEIRA-ELOZ)



Foto: Rosário Aranha

A primeira sessão de divisão dos grupos de trabalho levantou alguma polémica, nomeadamente no nosso grupo, porque sentimos que havia pouca diversidade e foi uma crítica que colocámos logo. De certa maneira, levou a que o discurso e, pelo menos, alguns comentários acabassem por se repetir. Ou seja, é um pouco a ideia que o Camilo diz: às vezes, acabamos por estar a falar um pouco para dentro e gostaríamos de falar um pouco para fora.

Esta ideia de concertação, a necessidade de concertar e de partilhar entre várias entidades determinados tipos de acções e pensar de uma forma mais global, dentro de um conjunto de actividades, é algo que nós também já fazemos, embora de uma forma mais limitada, no seio dum projecto. Em termos duma

região, é algo que nós também pensamos fazer e temos tentado fazer. Embora tenhamos consciência de que é um plano óptimo, mas difícil de concretizar.

O exemplo irlandês mostrou-nos uma experiência que tem tido frutos, mas tem demorado o seu tempo. Neste momento, nós estamos um pouco mais atrás, mas também não podemos dizer que estamos a partir do zero.

Não podemos esquecer todo um passado, que nos moldou em determinado sentido: quer em termos individuais, quer em termos de estrutura do próprio país. Toda a nossa história recente ou mais longa, condiciona-nos. A Irlanda tem uma determinada realidade, está num tipo de estrutura étnica, territorial diferente da nossa. Não podemos chegar e dizer assim; vamos copiar um modelo e ele automaticamente dá resultado aqui. São pistas, são elementos que nos ajudam a caminhar num determinado sentido, mas tem que ser ao nível dos ritmos, características e aspectos marcantes da sociedade portuguesa e dos nossos espaços.

O processo português, em termos de desenvolvimento, é um processo mais longo, de transformações lentas que, penso eu, tem dado alguns passos importantes no passado recente, mas não podemos esquecer que até a nossa experiência democrática é recente e imperfeita.

O nosso trabalho e o nosso tema para o seminário será a auto-avaliação, ou seja, vai incidir muito sobre o LEADER. Penso que será importante, no aspecto metodológico. O ensinamento que levamos daqui é que não vamos obrigar as pessoas, num seminário, a trabalhar na nossa análise metodológica, na análise do nosso território. Deverá ser sobre o método em si, explicá-lo bem para que as pessoas saiam de lá a perceber o método e não a região, nem os contributos do programa LEADER.

Mário Fidalgo (AD ELO)

Estas iniciativas ainda não têm, sobretudo a nível regional, aquela maturação que deveriam ter, e, há sempre um apalpar de terreno. Há muitas sensibilidades juntas aqui: não há o costume de concertar e passar da concertação ao trabalho, e isso também se pode verificar neste caso. É um primeiro passo. É um passo interessante.

A Pinus Verde não é uma associação LEADER, mas está no terreno e tem relações muito estreitas com a Associação ADERES. Parece-me que, e até é de saudar, o grosso da discussão se centralizou em temas importantes em termos de conceitos. Como os conceitos são mutáveis, pelas próprias características do desenvolvimento local, é sempre importante parar para reflectir e parar para perspectivar.

Tentou-se partir pedra, partir a pedra dos conceitos, partir a pedra das escalas, partir a pedra até das instituições. Depois da concer-

tação, vamos ver se se estabelecem parcerias, tendo em vista, um dos objectivos, que me pareceu claro deste seminário: tentar encontrar aqui o tal território unido, à volta da Serra da Estrela e, a partir daí, encontrar um instrumento, não tanto um diagnóstico, mas um instrumento estratégico, que pudéssemos depois todos trabalhar e desenvolver na nossa acção no terreno e depois na nossa acção concertada.

O ideal seria que, à mesa, estivessem todas as entidades ou todos os actores locais ou a representatividade de todos os actores locais. Falou-se muito na ausência do poder local. Mas não se pode pensar no poder local como um poder hierárquico, em relação às associações de desenvolvimento. Se queremos trabalhar em parceria, tem que ser um poder entendido de igual para igual. Por isso, pôr de lado as mesas dos notáveis do poder local e não acentuar a sua participação nos grupos de trabalho. É um problema que existe e, em termos de trabalho de terreno e de concertação, acho que seria fundamental dizer aos nossos autarcas que, eles têm técnicos, e que ponham os técnicos a falar connosco. Essa é uma das críticas que deixo ao seminário. Creio que não conseguiu dar esse salto. Também compreendo que seja complicado.

Paulo Fernandes (Pinus Verde)

Achei interessante a apresentação do senhor irlandês. Criou um bichinho para as pessoas pensarem, "eles lá fizeram aquilo, parece ser interessante. O que é que nós podemos fazer aqui para fazer igual?".

As pessoas que trabalham nas associações LEADER, já foi o meu caso, são pessoas que sofrem de muitas pressões. Além do facto de haver várias perspectivas, muitos técnicos trazem esses problemas para este tipo de eventos, o que dificulta chegar-se depois a uma conclusão. A questão que eu ponho é: até que ponto aquilo que foi dito terá, de facto, ficado? Quando eles chegarem às suas entidades, vão pensar sobre isto?

Os irlandeses no LEADER I só apostaram, praticamente, em acções imateriais, de aquisição de conhecimentos da região. O processo do LEADER em Portugal começou mal, devia-se ter realmente pensado: "primeiro vamos trabalhar o imaterial e depois vamos para o material". Na altura, em termos sociais e culturais, uma ideia destas não era muito bem aceite, queria-se era construir obra. Há que ter isso em conta. É muito fácil apontar o dedo às entidades ou às instituições, mas temos que ver que as instituições reflectem aquilo que também se pretende. Deveria haver uma certa coragem, uma certa vontade de ir contra a corrente e ter-se apostado nesses aspectos e, hoje, já não estaríamos a discutir isto.

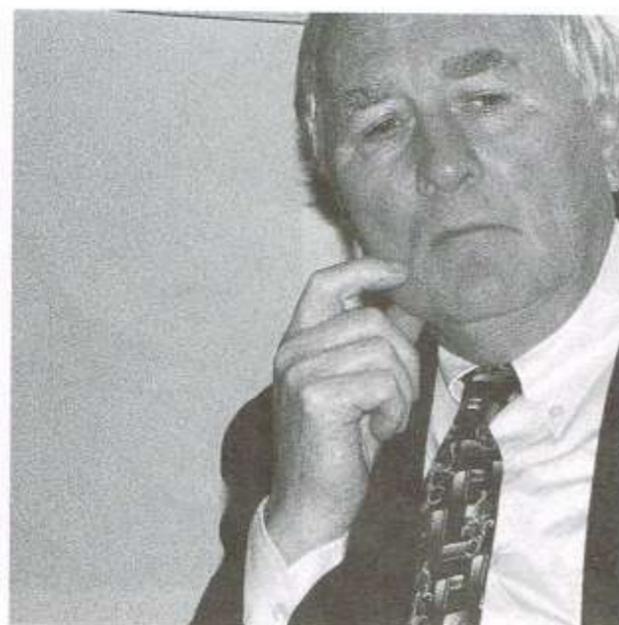
Paulo Jacinto (Escola Superior Agrária de Castelo Branco)



Foto: Rosário Aranha

A verdade é que só vieram associações dos Açores e associações do grupo de proximidade e mais uma ou duas, por isso, acabou por não ser um seminário nacional. Não sei se por essa razão, se por uma estratégia já concertada em torno da escolha do tema e das associações que o iam trabalhar, este seminário foi um seminário regional, específico, de preparação para um determinado grupo se

O caso de Cavan and Monaghan, na Irlanda



Fotos: Rosário Azeite

A participação no Seminário de Anthony Leddy, representante do grupo LEADER Irlandês Cavan and Monaghan, foi de uma grande ajuda, permitindo precisar o que poderia ser uma concertação ampla a nível de um território para o seu desenvolvimento integrado.

De facto, isto é já uma prática corrente na Irlanda e passou até a ser uma política nacional, tendo tido o grupo Cavan and Monaghan um papel decisivo nesta evolução.

Tudo começou com o LEADER I, quando para Cavan and Monaghan era necessário encontrar uma forma de entendimento e de consensualização de objectivos num território marcado pelo conflito religioso do Norte da Irlanda (Cavan and Monaghan fica junto da fronteira com a Irlanda do Norte). A iniciativa nasceu do sector cooperativo agrícola, que era o único sector onde existia uma certa capacidade de ampla mobilização. As cooperativas agrícolas criaram então uma Cooperativa para o desenvolvimento rural de Cavan and Monaghan e, a partir daí, foi um processo sempre crescente em termos de envolvimento de novos parceiros. Progressivamente, conseguindo juntar todos os parceiros da zona, incluindo os parceiros locais habituais (autarquias, sector cooperativo, instituições financeiras, associações, etc.) bem como os representantes de todas as comunidades locais, que passaram a ter um papel predominante nas decisões e, também, os representantes das administrações sectoriais do Estado. Assim, a cooperativa passou a ter uma plataforma de concertação permanente entre os diversos actores do terreno e instituições estatais para estratégias de desenvolvimento integrado ao nível da zona LEADER.

Hoje em dia, a ideia de uma concertação ampla ao nível de cada território rural passou a ser uma referência a nível nacional. Assim, para o próximo ciclo 2000-2006, está prevista a constituição de um "County Development Board" ao nível de cada county da Irlanda (o county é, mais ou menos, o equivalente a um território LEADER). Este "County Development Board" é uma estrutura de concertação permanente na qual partici-

pam quatro tipos de interlocutores:

- as autarquias locais;
- a ADL ou seu equivalente;
- as administrações sectoriais a nível da região;
- os actores sociais (representantes das comunidades, associações profissionais, sindicatos, etc.).

As ADL têm um papel específico nestas estruturas, como animadores dos processos de concertação.

A intervenção do Anthony Leddy foi sobretudo interessante pelos ensinamentos de 10 anos de evolução deste processo. Os principais pontos que ele abordou são:

- **a importância da pedagogia e da comunicação.** Por exemplo, ele explicou como havia inicialmente uma grande resistência da parte das autarquias, que viam a emergência dos líderes comunitários nos poderes de decisão como uma ameaça eleitoral. Só através um trabalho de comunicação sobre o interesse de uma parceria foi possível ultrapassar esta questão. Hoje existe uma grande confiança e um grande envolvimento por parte das autarquias.
- **o tempo necessário para este processo.** "é um processo difícil e doloroso" diz Anthony Leddy "que demorou 10 anos a realizar". Esta observação levou muitas pessoas presentes no Seminário a questionar sobre a possibilidade de "ir mais rapidamente" sobretudo atendendo a que "não partimos do zero".
- **a necessidade de "passar a mensagem" a nível nacional.** Desde o início do LEADER I que os grupos LEADER se têm organizado numa Federação Nacional, que teve um papel fundamental na definição das políticas nacionais

"Queria insistir sobre o facto de que tínhamos uma rede organizada onde os grupos LEADER estavam todos representados. A força desta rede foi que funcionou como um lobby dos grupos LEADER e da metodologia do LEADER junto do Governo". Hoje esta metodologia passou a ser uma referência nas políticas nacionais para o desenvolvimento rural, de tal forma que existe um

programa nacional de tipo LEADER que aplica os mesmos princípios em todo o território, para além do LEADER +".

- **a necessidade de levar a prática da concertação a todos os níveis.** Na Irlanda, esta prática da concertação existe não só ao nível de cada território LEADER mas também a nível nacional. Assim criou-se um **Fórum nacional para o Desenvolvimento Rural** que dá orientações sobre a implementação de políticas futuras. Também se produziu um **Livro Branco do Desenvolvimento Rural** que propõe uma série de abordagens estratégicas, nomeadamente uma abordagem multi-sectorial para o Desenvolvimento Rural.
- **a força do trabalho colectivo** "a nossa força não reside tanto nas nossas capacidades individuais quanto na nossa capacidade de inteligência colectiva".
- **a importância da formação para o desenvolvimento.** Anthony Leddy referiu-se à existência de 3 universidades na Irlanda que lançaram cursos superiores na área da animação do desenvolvimento local e que isso foi decisivo para ter pessoal profissionalizado no LEADER, com a capacidade de comunicação e de mudar o ponto de vista das pessoas e das instituições.

Numa entrevista realizado com ele no fim do Seminário, Anthony Leddy transmite a sua apreciação pessoal dos trabalhos, notando a grande vontade que transpareceu no Seminário de levar este processo para a frente, considerando-o como um pontapé de saída neste sentido. "Ouvindo as contribuições das pessoas durante estes dias, creio sinceramente que o que foi semeado neste Seminário vai-se desenvolver e produzir frutos. Algumas plantas vão necessitar muito tempo e será provavelmente necessário pôr lá adubo para ajudá-las a crescer. Penso que talvez consigam dar alguns passos importantes para ganhar tempo."

S.T.

Nota:

Há que referir que encontramos bastante pontos comuns entre as informações transmitidas por Anthony Leddy sobre a situação na Irlanda e a comunicação do José Emílio Guererro, Secretário Geral da Agricultura do Governo Regional na Andaluzia sobre a situação nesta região. Ambas comunicações estão apresentadas integralmente no Site da Célula de Animação (<http://caleader.inde.pt>)

Conclusões gerais



Da síntese dos trabalhos que decorreram em dois grupos e tendo em conta os contributos dos plenários, resultaram as seguintes conclusões:

1 — Lançamento de um processo de concertação e metodologia respectiva

1.1 — O território

Para lançar uma estratégia de desenvolvimento integrado não existe uma escala ideal, mas sim diversas escalas possíveis, dependente dos objectivos que se pretendem atingir.

Qualquer que seja a escala escolhida, o nível local deverá ser assumido como ponto de partida, procurando envolver de início as populações do território em questão.

Tendo em conta estas premissas, decidimos centrar a nossa abordagem numa parcela do território das ADLs que integram o Grupo de Proximidade, tendo escolhido por consenso a Serra da Estrela, dado que a Serra de Estrela (9 concelhos da corda da Serra, ou seja, 200.000 pessoas) surge como uma unidade geográfica agregadora em termos de recursos, oportunidades e afinidades. Este território é simultaneamente uma zona de influência sobre uma área circundante, onde vários actores terão de estar implicados concertadamente. Esta concertação só é possível graças à abordagem territorial, com base no trabalho de diagnóstico e de formação de parcerias que possibilitaram a concepção de estratégias globais. O LEADER trouxe novos comportamentos e novas práticas de acção para a tomada de consciência do trabalho em rede com participação colectiva.

A escala do território proposta não pode impedir as relações de base local e de proximidade.

1.2 — Os temas

Após a escolha e delimitação de um território bem específico, no caso a Serra de Estrela, e depois da inventariação das principais necessidades, estrangulamentos, recursos e oportunidades, definimos um objectivo prioritário para este território, ou seja a revitalização do território a partir da valorização do património natural, cultural e humano. Este objectivo levou-nos à eleição de dois temas fortes (recursos hídricos e aproveitamento turístico) portadores de outros sub-temas que se enquadram numa perspectiva de intervenção e trabalho colectivo.

Dos sub-temas, entre outros, destacamos:

- agro-pecuária
- têxteis e confecções
- florestas
- serviços de proximidade, etc.

Há a referir que os temas não têm um sentido limitativo mas, pelo contrário, federador de todos os interesses existentes no território. Neste contexto, um projecto de desenvolvimento integrado terá de equacionar: as potencialidades, recursos, a diversidade de motivações, carências e ambições das comunidades que compõem o território. Para isso deve ter-se em conta o envolvimento de todos os actores e promotores do desenvolvimento.

2 — Formas de intervenção

Após a análise das diversas intervenções na Serra de Estrela, chegou-se à conclusão que estas são dispersas, incoerentes e geradoras de vazios.

Também concluímos que a operacionalização de uma estratégia de desenvolvimento integrado e harmonioso passa, em primeiro lugar, pela realização de uma abordagem ascendente, devendo procurar-se que emane das bases a vontade e a iniciativa de intervir sobre o próprio território com vista ao desenvolvimento nele pretendido. Há pois que ouvir. Quem deverá ouvir, como e quando se deve ouvir as pessoas directamente envolvidas no processo e perceber as suas aspirações, legítimos anseios, desilusões, frustrações, apatias, etc? Em caso algum se deve condicionar a definição de planos estratégicos de intervenção aos instrumentos e dotações financeiras previamente conhecidas, evitando desta forma correr o risco de não se detectarem as verdadeiras necessidades das pessoas e consequentemente não se responder à resolução dos seus problemas.

Existem variadíssimas entidades com responsabilidades de intervenção directa na Serra de Estrela, nomeadamente:

- autarquias;
- organismos centrais do Estado e respectivas delegações regionais;
- Empresas e instituições financeiras;
- Associações: ADL, estruturas representativas dos agricultores, produtores florestais e actividades tradicionais, ADR, cooperativas e outras formas de organização da sociedade civil;
- instituições de ensino, etc.

Assim sendo, equacionou-se a questão de saber se é possível conjugar as diferentes perspectivas de encarar o território num fórum ou plataforma de concertação com total cumplicidade entre as diversas entidades envolvidas no destino desse mesmo território, de forma a cruzar objectivos, otimizando a utilização dos recursos e impedindo abordagens estritamente sectoriais e de desfazamentos temporais na aplicação dos meios disponíveis

As estruturas locais LEADER, orientadas pela filosofia do próprio programa e pelas suas práticas do terreno que implicam uma estreita ligação com as populações, deverão ser os dinamizadores das plataformas de concertação e um dos executores do plano estratégico global. Têm igualmente funções e papéis específicos, ou seja:

- um papel pedagógico;
- um papel de ligação entre as acções;
- um papel de mobilização e ligação com a população e com as diversas entidades públicas e privadas;

3 — Como operacionalizar

Propõe-se que, existindo o Grupo de Proximidade composto por um conjunto de ADL intervenientes neste território, e em resposta ao desafio que lança a futura iniciativa comunitária LEADER+, este seja o pólo dinamizador (núcleo duro) para a mobilização de todos os intervenientes com vista à organização e operacionalização deste fórum de concertação.

Conscientes de que esta é uma iniciativa piloto a nível nacional, enquadrada nos princípios básicos do LEADER+ que apontam no sentido de que toda e qualquer acção de desenvolvimento deve assentar em três pressupostos: a cooperação, a parceria e trabalho em rede e a concepção de estratégias de desenvolvimento integrado em torno de temas fortes, urge implementá-la de imediato, dando continuidade ao trabalho de equipa que este grupo de proximidade já têm vindo a desenvolver.

Importa referir que qualquer fórum de concertação deve ter por princípios de funcionamento regras perfeitamente democráticas, que assegurem um equilíbrio de direitos, deveres e poderes a todos os intervenientes.

Neste sentido, os contornos iniciais da criação dessa plataforma concertada e participada, poderão assentar na elaboração de uma carta de princípios definidora dos objectivos estratégi-

"Concepção e elaboração de Estratégias de Desenvolvimento Integrado"



Fotos: isto é

Qualquer que seja a escala escolhida, o nível local deverá ser assumido como ponto de partida, procurando envolver de início as populações do território em questão.

Importa referir que qualquer fórum de concertação deve ter por princípios de funcionamento regras perfeitamente democráticas, que assegurem um equilíbrio de direitos, deveres e poderes a todos os intervenientes.

Comprometemo-nos a desenvolver todos os esforços para conseguir uma estratégia única e consensualizada para este território. Tendo em conta que a insuficiência de comunicação foi identificada como principal obstáculo à prossecução deste objectivo, faremos um esforço particular em termos de democratização da informação e de intercomunicação para mobilizar as entidades a participar neste processo.

cos para o desenvolvimento deste território. Esta carta deve ser o resultado de um primeiro trabalho congregador de vontades e interesses de todos os intervenientes.

4 — Recomendações

Para que seja possível este processo, há que garantir certas condições, nomeadamente:

- A necessidade de uma vontade, partilhada aos diversos níveis, para a realização de uma experiência piloto deste tipo. A presença neste seminário de representantes de organismos da administração central permitiu verificar que essa vontade é notória. As próprias intervenções neste Seminário lançaram o repto à região para agir numa lógica de concertação territorial;
- Esta vontade declarada deve ser partilhada pelo conjunto das instituições locais e regionais;
- A qualificação de recursos humanos com acções de formação contínua, investigação e apoio técnico.

Perante esta vontade e estas necessidades, o Grupo de Proximidade da Serra de Estrela, em colaboração com as forças vivas da região, está disposto a assumir o desafio e pôr à disposição deste processo a competência acumulada e confirmada nesta área da concertação e da mobilização de diversos parceiros a nível deste território.

Além disso este processo inscreve-se na continuidade de uma dinâmica já existente e que em circunstância alguma pode ser hipotecada pelo desfasamento temporal que porventura ocorra na aplicação dos meios financeiros na transição dos quadros comunitários.

Este Seminário é a prova provada de que não há Estado nenhum que sobreviva deitando fora sucessivamente o capital e mais valias técnicas acumuladas no mundo rural pelas ADL, nomeadamente aquelas que têm sido responsáveis pela gestão do programa LEADER.

Comprometemo-nos a desenvolver todos os esforços para conseguir uma estratégia única e consensualizada para este território. Tendo em conta que a insuficiência de comunicação foi identificada como principal obstáculo à prossecução deste objectivo, faremos um esforço particular em termos de democratização da informação e de intercomunicação para mobilizar as entidades a participar neste processo.

Apelamos a todas as entidades que se empenhem neste mesmo sentido.

Apraz-nos registar o reconhecimento que algumas instituições desta região, nomeadamente a DRABI, têm manifestado pelo nosso trabalho, ao ponto de neste momento, já existirem iniciativas conjuntas no terreno.

Em conclusão, diremos que o nosso empenho na elaboração de Planos de Acção Local concertados e cruzados será total.

Como nota final, não resistimos a citar um natural da nossa montanha: "O melhor da Serra não se exporta ou pelo menos o melhor da Serra exige dos poderes centrais a deslocação, o conhecimento, o empenhamento in loco" (Araldo Saraiva).

ADIRN



Foto: Paula Santos



No Ribatejo Norte a entidade local gestora do programa LEADER é a ADIRN. Constituída em 1991, a associação tem a sua origem em estudos anteriormente realizados, nomeadamente no âmbito do Plano de Desenvolvimento Agrícola Regional (PDAR).

Com um território abençoado com serras, rios e lagos, a ADIRN definiu uma estratégia de intervenção virada para novas formas de turismo, aliadas aos recursos locais. Uma aposta no chamado turismo de aventura ou ecológico. É esta a temática que norteia o plano de actividades da associação. Paralelamente, apadrinhou os produtos típicos locais.

E se na primeira fase do Programa, os projectos apresentados à direcção foram todos aprovados, na segunda, tal já não aconteceu. Coordenador do GAL, desde o início, Jorge Rodrigues fala em "mais discussão" nesta fase. Por um lado, "escutar" a autarquia do promotor, por outro, o próprio PAL já era bastante "indicativo das acções que queríamos apoiar". E "foi destas duas relações de força que conseguimos seleccionar os projectos que nos pareceram mais interessantes", acrescenta.

Nas últimas reuniões, porém, a discussão tem girado em torno de um dos principais pontos do próximo LEADER: a regra dos 50% no que concerne aos associados públicos e privados.

A Associação reúne, neste momento, associados dos seis concelhos que abrange: Câmaras, Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros, Direcção Regional de Agricultura do Ribatejo e Oeste, QUERCUS, Estação Nacional de Fruticultura de Vieira Natividade, Escola Superior de Tecnologia de Tomar, Caixa de Crédito Agrícola Mútuo do Ribatejo Norte, Adegas Cooperativas de Tomar, Cooperativa de Olivicultores de Fátima, Associação de Melhoramentos, Cultura e Recreio de Dornes e Cooperativa Agrícola de Ourém. Contas feitas, os públicos encontram-se em franca maioria. A solução, adianta Jorge Rodrigues, "é alargar a parceria a novos sócios. Sócios que irão criar, de certeza, um momento de instabilidade na Associação mas necessário para nos podermos candidatar ao LEADER+".

Ainda na opinião do coordenador do GAL da ADIRN, ao fazê-lo "a grande partilha que existe entre a direcção e o corpo técnico", poderá perder-se.

Seis concelhos (Alcanena, Ferreira do Zêzere, Ourém, Tomar, Torres Novas e Vila Nova da Barquinha), 1.287 km², 99.457 habitantes (sem contar os centros urbanos) – estes são os números com os quais a ADIRN trabalha todos os dias. E quando a equipa LEADER se resume a dois técnicos, um dos quais completamente absorvido pela "Templar", um dos projectos que a ADIRN promoveu já na segunda fase do Programa, trabalho é coisa que não falta.

A esta agência de viagens (Templar) foram-se juntando outros projectos que privilegiam a componente de animação. Por exemplo: um curso de animadores turísticos desportivos, outro de actividades equestres, vários centros equestres, apoio a actividades náuticas, uma escola de vela e ainda a criação e/ou recuperação de espaços para lazer.

Mas tem sido sobretudo no âmbito da cooperação transnacional que a ADIRN tem investido mais tempo e dinheiro. Até porque, segundo Jorge Rodrigues, "é mais fácil trabalhar com os espanhóis ou italianos do que com os vizinhos". Projectos como "Novos destinos Europeus", "Europa-Aventura", e até há pouco tempo "Paralelo 40", na área do turismo, e "Antenas Comerciais Europeias" na dos produtos locais, têm dado a esta associação o toque internacional.

Na área dos produtos locais, a ADIRN é associada da "ProRegiões", uma empresa enquadradora de uma das Medidas B2 do LEADER, vocacionada para apoiar a comercialização de produtos nacionais, e que encontrou no projecto da Loja do Mundo Rural o meio para o fazer. A ADIRN foi também uma das primeiras associações de desenvolvimento local a aderir a este projecto, canalizando para aí muitos dos produtos da sua zona de intervenção, nomeadamente, vinhos, doces e artesanato.

Mas porque a resposta dos promotores nesta área "foi um bocadinho abaixo das expectativas", e sendo esta uma das áreas privilegiadas, a associação avançou com um projecto próprio para colmatar esta lacuna: uma loja em Tomar. A "Loja do Ribatejo Norte", como é designada pela associação, será um espaço não só para vender, mas também onde será feita a divulgação de todo o trabalho da ADIRN, especialmente aquele que se encontra intimamente ligado à imagem de marca criada pela associação. A inaugurar brevemente, a loja já conta com um programa de animação cheio. Um investimento total de 40 mil contos, dos quais 26 mil virão de Bruxelas.

Do Plano de Actividades da associação até final do LEADER II fazem ainda parte muitos outros projectos e parceiros com destaque para os espanhóis, franceses e italianos. Até lá, e para lá, partindo do princípio que o LEADER+ virá, a ADIRN continuará a apostar na divulgação da imagem de marca "Ribatejo Norte".

P.S.

Ficha técnica

Nome: ADIRN - Associação para o Desenvolvimento Integrado do Ribatejo Norte | **Morada:** Alameda Um de Março - C. C. Templários, 3º - 2300 Tomar | **Telefone:** 249 310042 | **Fax:** 249 321720 | **E-mail:** adirn@mail.telepac.pt | **Site:** www.adirn.pt

Presidente da Direcção: Armando Ferreira Neto (Câmara Municipal de Ourém) | **GAL:** Jorge Manuel Sousa de Abreu Rodrigues (Coordenador) Arnaldo Rivotti | **Concelhos:** Alcanena, Ferreira do Zêzere, Ourém, Tomar, Torres Novas e Vila Nova da Barquinha | **Área:** 1.287,92 km² População: 99.457 habitantes

APRODER



Foto: Paula Santos



A zona de intervenção da APRODER abrange os concelhos da Azambuja, Rio Maior, Santarém e Cartaxo. Pouco mais de um milhar de quilómetros quadrados onde, no entanto, é possível distinguir três tipos de regiões: planície, junto ao rio Tejo; charneca com manchas dispersas, e uma região de média montanha ou serra mais para Norte. Contas feitas, 64 freguesias com uma característica em comum: o reduzido número de habitantes. A escassa 100 km, a capital exerce, sobre os mais jovens, principalmente, uma atração difícil de controlar. A tarefa da APRODER não se adivinhava pois nada fácil. O desafio era enorme mas, simultaneamente, aliciante.

Tal como aconteceu noutros casos, o grupo de trabalho constituído no âmbito do Plano de Desenvolvimento Agrícola Regional (PDAR), perante a possibilidade do LEADER, avança para a constituição de uma associação que viesse a acolher o Programa. Algum do trabalho de base já se encontrava realizado, nomeadamente a definição dos estrangulamentos e potencialidades da região, só faltava mesmo apresentar uma candidatura.

O LEADER I não tardou. E se o dinheiro não era muito, a vontade chegava e sobrava. Os projectos também não faltaram. Responder a todos é que era mais difícil. Da primeira experiência do Programa, a APRODER definiu para o LEADER II acções que conduzissem a novas iniciativas de animação turística, reforço e melhoria de alojamento e de restauração. Com a adesão ao "Paralelo 40", estes objectivos passaram a ter outro significado e outra resposta. E a cooperação transnacional passou a fazer parte do dia-dia da APRODER. Da "Rota Europeia do Turismo Rural" à "Rota Gastronómica" o objectivo é sempre o mesmo: fazer a promoção da região e vender os produtos locais quer seja em feiras, na Internet ou à mesa de um bom restaurante ribatejano.

Com as associações vizinhas, nomeadamente a Charneca, a APRODER também tem alguns projectos em comum. É o caso da ANTE cuja lista de associados juntamente com a Charneca, encabeçam.

Para o coordenador do GAL, João Maria Tomaz, este aspecto é um dos mais importantes. "Nós do LEADER I para o II, quando a Charneca surgiu, propusemos logo que trabalhássemos em conjunto uma série de coisas. Gosto de, pelo menos a mim ajuda-me, pensar em grupo. E depois também não corremos o risco de apontarmos todos para o mesmo lado". Depois houve, na altura da constituição da associação, a preocupação de ter como parceiros as várias entidades da região. Não são muitas, mas directa ou indirectamente acabam por estar todas representadas.

A lista integra, entre outras, a Associação de Agricultores do Ribatejo, a Associação de Produtores Agrícolas da Região de Rio Maior, a Escola Superior Agrária de Santarém, o Parque Natural da Serra d'Aire e Candeeiros, a Associação de Criadores de Ovinos e Caprinos do Ribatejo e Oeste, e a Associação de Desenvolvimento do Ribatejo (ADER) que por sua vez representa as câmaras.

João Maria Tomaz faz questão ainda de salientar um aspecto: nas listas constam as entidades mas são as pessoas que as representam que são eleitas. E cada vez que há alteração de nomes há eleições. É assim que funciona na APRODER.

De todos os produtos locais, o azeite é aquele que ocupa um lugar mais perto do coração da APRODER, uma vez que esta associação é responsável pela certificação e controlo de todo o processo produtivo e comercial. Um exemplo de parceria bem sucedida a nível local.

E de facto, para o coordenador do GAL da APRODER, o aspecto mais positivo do LEADER é o trabalho em rede. "Muito mais do que o dinheiro, para mim a grande vantagem do programa LEADER continua a ser esta rede que se criou entre associações do mesmo país e países diferentes. Um aspecto muito importante para o desenvolvimento das regiões".

Defendendo este princípio, e porque já é altura de começar a pensar nisso, João Maria Tomaz já fez saber aos seus colegas vizinhos a necessidade de trocarmos algumas impressões sobre o futuro. Isto é, sobre o LEADER+. Principalmente, quando já se sabe que a cooperação será uma das vertentes mais importantes do "novo" LEADER.

P.S.

Ficha técnica

Nome: APRODER - Associação para a Promoção do Desenvolvimento Rural do Ribatejo | **Morada:** Centro Nacional de Exposições - Apartado 513 - 2001-904 Santarém | **Telefone:** 243 333894/333920 | **Fax:** 243 333869 | **E-mail:** aproder@mail.telepac.pt | **Site:** www.aproder.com

Presidente da Direcção: Associação de Agricultores do Ribatejo - Manuel Maria Holstein Campilho | **GAL:** João Maria Guerra Tomaz (Coordenador), António Júlio das Neves Esteves, Maria Filomena Sobreira Godinho, Maria Luísa C. F. Goes Féria, Patrícia Alexandra Calado Cipriano Concelhos: Azambuja, Rio Maior, Santarém e Cartaxo | **Área:** 1.141 km² | **População:** 61.916 habitantes

CHARNECA



Foto: Paula Santos



A Charneca é uma emanção das necessidades da região. Quem o diz é Xavier de Basto, o coordenador do GAL. Agarrar nos concelhos de Almeirim, Alpiarça, Benavente, Chamusca, Coruche, Golegã, Salvaterra de Magos e Torres Novas (apenas uma freguesia) e traçar um plano de "desenvolvimento harmonioso" era o objectivo.

Numa zona onde a floresta faz de dois concelhos - Coruche e Chamusca - os maiores em massa florestal, foram as associações de produtores florestais as primeiras a avançar no processo de constituição da Charneca. Junta-se a Associação de Agricultores do Ribatejo (uma das maiores do País) e nasce uma outra para o LEADER. Hoje, são associados da Charneca várias entidades, fixando em 15 o número total de sócios.

Xavier de Basto conta na primeira pessoa do plural quais foram os primeiros passos da Associação. "Primeiro de tudo nesta vasta área, estamos a falar de 3.031 km² (não é pãra doce!), e apenas com 300 mil contos, era preciso (pelo menos tentar) distribuir o dinheiro pelo máximo número possível de projectos". Para isso "fizemos reuniões onde expusemos a filosofia do LEADER e o que pretendíamos atingir: um desenvolvimento harmonioso para a área de intervenção não excluindo qualquer tipo de promotor nem projecto, mas procurando que se integrassem na filosofia que o próprio Programa preconiza".

"Quando elaborámos o PAL tentámos não esquecer nenhuma área, mas é claro que numa altura de crise na agricultura, apostar nas espécies autóctones, por exemplo, é ser mais do que poeta. É ser superpoeta".

Depois, quem traz "às costas" a experiência do LEADER I, como Xavier de Basto, que foi o primeiro técnico da APRODER, sabe que há boas e más experiências. Foi a pensar assim que o coordenador do GAL da Charneca criou alguns mecanismos de defesa. Um Regulamento Interno que diz, por exemplo, que a participação mais alta para um promotor são 7.500 contos, e que 30% é o valor máximo para as Juntas de freguesia.

A criação de um conselho consultivo que dá a saber os desejos de cada um dos concelhos da zona de intervenção foi mais uma ideia do coordenador a ser concretizada.

E até agora, e a avaliar pelas palavras do próprio, parece que tem funcionado. Senão vejamos: 150 projectos aprovados dos quais mais de um terço estão concluídos, encontrando-se os restantes em avançada fase de execução. A área mais forte foi a 3. Da 2 não tiveram promotores e desistiram. O maior número de projectos cabe na rubrica do artesanato (olaria, cestaria, pintura de azulejo, ferro forjado) talvez porque, na opinião do técnico, a excedente e envelhecida mão de obra agrícola ali procurou uma forma de obter algum rendimento suplementar.

Xavier de Basto sublinha ainda o facto de terem recebido as primeiras tranches do LEADER muito tarde (os primeiros projectos aprovados datam de Novembro de 1997) obrigando a um esforço maior em termos financeiros. E os anos de 98 e 99, que se adivinhavam difíceis, acabaram por ser de ouro. Ainda mais quando foram contemplados com um reforço de 80 mil contos. Depois é preciso dizer que a Charneca são dois técnicos. Para ter uma ideia da ordem da grandeza da zona de intervenção "basta dizer que o meu carro (da Associação) rodou 68 mil quilómetros em apenas ano e meio". E o que faz avançar o conta quilómetros é apenas uma coisa: o LEADER. Embora, indirectamente, a Associação esteja envolvida noutros projectos. É o caso da B2 - a Associação Nacional Turismo Equestre (ANTE) que, para além do projecto da rede nacional dos percursos equestres, também é responsável pela gestão do Centro Rural da Golegã.

Cooperação transnacional? "Esta zona era demasiado pobre para eu me dar ao luxo de tentar oferecer aquilo que eu não tinha. A única ligação transnacional que temos é com o "Paralelo 40". Agora podemos começar a pensar nisso. Até aqui não".

Overbooking? "Podemos dizer que é demasiado optimista mas consideramos que não vai cair nenhum projecto. De qualquer maneira está aprovado em reunião de direcção que a Associação assumirá na área 3 um projecto próprio até ao limite do somatório dos projectos falhados na mesma área".

Sem LEADER +? "Temos um Centro Rural e a possibilidade de vir a ter mais um em Coruche sobre a temática do sobro. Fazemos parte do Conselho Regional Agrário e temos algumas ideias a propor".

Com o LEADER +? "Se a filosofia do próximo LEADER for a mesma, ou seja, 15% do total da verba comunitária para o funcionamento do GAL, esta entidade faz duas coisas: primeiro, melhora o vencimento dos seus técnicos e, naturalmente, admite mais um".

Ainda há lugar para a paixão no LEADER? "Neste momento tenho oito anos e qualquer coisa de LEADER. Serei porventura um dos técnicos mais antigos ligados ao Programa. Já assisti ao namoro de jovens, ao casamento de uns, ao nascimento dos filhos deles e até à morte de alguns. Paixão? Não é possível fazer nada de grandioso sem paixão".

P.S.

Identificação

Nome: CHARNECA - Associação para a Promoção Rural da Charneca Ribatejana | **Morada:** Rua 5 de Outubro, Edifício da Associação de Regantes - 2100 Coruche | **Telefone:** 243 617048 | **Fax:** 243 617984 | **E.mail:** charneca@lusoweb.pt

Presidente da Direcção: Miguel Teles Branco (em representação da Associação de Produtores Florestais do concelho de Coruche e limitrofes) | **GAL:** Xavier de Basto (Coordenador), Maria Aleixo e Carla Xavier de Basto | **Concelhos:** Almeirim, Alpiarça, Benavente, Chamusca, Coruche, Golegã, Salvaterra de Magos e Torres Novas (freguesia de Riachos) | **Área:** 3.031 km² | **População:** 93.387 habitantes

LEADER OESTE



Foto: Paula Santos



Aconteceu no Oeste. Não no Oeste americano do famoso western, mas na região do nosso país que dá pelo mesmo nome. A união de várias entidades ligadas por um vector comum: o desenvolvimento do mundo rural. Chamaram-lhe, como não podia deixar de ser, Associação para o Desenvolvimento e Promoção Rural do Oeste, mas porque a grande mira foi o Programa LEADER é mais conhecida por LEADER Oeste.

Corria o ano de 1994. Depois de uma primeira tentativa falhada não havia pressas. Os primeiros passos, a constituição da associação, a elaboração do PAL, a candidatura ao LEADER e a outros programas, foram dados devagarinho. Só depois deste período de planificação, mais exactamente, a partir do momento em que chegam as primeiras tranches de Bruxelas é que a LEADER Oeste arranca efectivamente. Foi nessa altura que a Wanda Martins chegou à associação. É a técnica mais antiga na casa. Entre outras coisas, faz a recepção das candidaturas ao Programa e encaminha os projectos.

Um ano depois, José Coutinho "agarra" o LEADER já em andamento e assume o leme do GAL. Desde então a equipa tem crescido à medida das necessidades. Entra um técnico para este ou aquele projecto mais específico decorrente do LEADER ou de outro programa gerido pela associação. Foi assim com David Gamboa. Inicialmente como animador cultural para liderar o projecto LEADER da Ludoteca Multimédia, depois com tarefas acrescidas. Hoje, ele reparte o seu tempo entre a Ludoteca, o Carrefour, cuja gestão a associação divide com a Direcção Regional de Agricultura do Ribatejo e Oeste (DRARO), e ainda dá uma mão à colega responsável pelo Centro Rural de Montejuento que a associação também ganhou. O apoio, administrativo e financeiro, indispensável numa associação cuja zona de intervenção abrange 11 concelhos num total de 56 freguesias, é assegurado por outro elemento da equipa. E é sobretudo a partir deste último número (o das freguesias) que a associação trabalha. O coordenador do GAL explica. "Apesar da continuidade geográfica, a nossa zona de intervenção é uma manta de retalhos. Há municípios relativamente ricos e outros muito pobres. Há aqui fortes assimetrias e por isso a unidade de medida com que trabalhamos é sempre a freguesia".

Com 135 habitantes por km², um valor acima da média nacional, e um número total estimado em cerca de 350 mil, "tivemos que jogar em função do limite populacional de 100 mil habitantes (um dos critérios do programa) - um exercício por si só já interessante". Isto, para José Coutinho, dizer que "a notoriedade aqui deve ser lida em função das freguesias da zona de intervenção e não do que é o Oeste", porque "o Oeste é outra realidade".

Actualmente com cerca de três dezenas de associados, entre os quais se encontram as Câmaras dos municípios que integram a zona de intervenção, excepto Lourinhã e Sobral de Monte Agraço, que estão, ainda assim, representados por outras entidades, nomeadamente pela Associação de Municípios do Oeste, a esperança do coordenador do GAL "é que os 11 municípios cheguem à conclusão que o LEADER é, para eles, pouco relevante".

Sócios à parte, a leitura do responsável pelo GAL é a seguinte: "Filtrando aquilo que se fez do PAL, existem falhas. Tivemos que abdicar de algumas ideias. Por exemplo, uma rede de lojas de produtos locais que chegou a ser discutida mas que nunca passou do papel. Por inércia nossa talvez porque não conseguimos agarrar essas mais-valias e transportá-las para o Programa. Mas, em contrapartida, há sucessos, alguns inesperados". E explica dando exemplos: "À medida que fomos percebendo que tínhamos que nos afastar da rigidez do PAL criámos novas temáticas transversais às acções do PAL. As três rotas - museus, moinhos e vinho, só por si não cabiam em nenhuma rubrica do PAL. E a Ludoteca vai a todas as situações que pode acorrer servindo de chãveira a outras. Há pois um conjunto de situações diversas que não cabem no PAL".

Este e outros projectos conferem à LEADER Oeste uma componente cultural, não só porque existem técnicos que se identificam imediatamente como animadores culturais como os próprios projectos têm uma componente cultural muito significativa, de afirmação da associação. "Talvez, mas não é uma área onde apostamos declaradamente. É inevitável", remata José Coutinho.

Também não foi na área da cooperação transnacional que apostaram pois esta limita-se ao "Paralelo 40". Tão pouco na da comunicação social. E se a primeira se deve ao acaso, esta última já tem mais razão de ser. David Gamboa justifica: "Não somos dos que mais utilizam a comunicação social. Utilizamo-la de forma pontual; quando é necessário. Existem até relações de amizade com alguns jornalistas mas nem sempre passamos informação aos jornais e às rádios porque a mensagem é, muitas vezes, deturpada. Por isso, preferimos não a passar".

A aposta da LEADER Oeste foi sobretudo ao nível das parcerias locais, sendo neste que proliferam exemplos de projectos, como o das Rotas temáticas e a Ludoteca, já referidos. E é assim que pretendem continuar a trabalhar mesmo que a associação não venha a ter o LEADER +.

"Para já a associação não tem meios para se manter. Nestes três anos o que fizemos foi construir uma escada que nos permita ter acesso a outra coisa que não seja apenas os programas comunitários. Por isso, estamos a encarar a possibilidade de não o vir a ter de uma forma natural. Mas temos esperança, porque o LEADER é aquela máquina que nós sabemos".

P.S.

Identificação

Nome: LEADER OESTE - Associação para a Promoção e Desenvolvimento Rural do Oeste | **Morada:** Pátio do Município, lote 3, r/c dtº - 2550 Cadaval | **Telefone:** 262 691260 | **Fax:** 262 691261 | **E.mail:** leade-roeste@mail.telepac.pt | **Site:** www.leaderoeste.pt

Presidente da Direcção: Álvaro Joaquim Gomes Pedro e Maria João Marques Pacheco Botelho | **GAL:** José Ferreira de Sousa Coutinho (Coordenador), David Nunes da Rosa Gamboa, Sofia Alexandra Campos Fialho, Wanda Maria Silva Martins Concelhos: Alcobaça, Alenquer, Arruda dos Vinhos, Bombarral, Cadaval, Caldas da Rainha, Lourinhã, Óbidos, Peniche, Sobral de Monte Agraço e Torres Vedras | **Área:** 1.096,79 km² | **População:** 107.444 habitantes

TAGUS



Foto: Paula Santos



ASSOCIAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRADO DO RIBATEJO INTERIOR

Nasce aos trinta e um dias do mês de Outubro de mil novecentos e noventa e cinco na cidade de Abrantes. Mas, na realidade, a constituição da associação dá-se dois anos antes. Com a denominação de ADIRI, o objectivo "promoção, apoio e realização de um aproveitamento mais racional das potencialidades endógenas dos concelhos que integram a sua área de actuação, (...) tendo em vista o desenvolvimento rural em todas as suas componentes e a melhoria das condições de vida das populações", mantém-se quando a Assembleia Geral, numa reunião extraordinária, delibera a alteração para Tagus.

São membros fundadores desta associação os presidentes das Câmaras de Abrantes e Mação, o vereador da cultura da Câmara de Gavião, em representação dos respectivos municípios, e o Núcleo Empresarial da Região de Santarém (NERSANT). Actualmente, são 25 ao todo.

Na Direcção estão as Câmaras da zona de intervenção, o NERSANT, a Associação dos Agricultores de Abrantes, Constância, Sardoal e Mação e o Centro de Gestão de Empresa Agrícola Norte Ribatejo (GESNORI). A presidência é assegurada por um dos presidentes de Câmara, em regime de rotação.

Enquanto entidade local, gestora do Programa LEADER II, a Tagus elaborou um Regulamento Interno onde definiu os procedimentos técnicos, administrativos e financeiros a adoptar na implementação das acções inscritas no Plano de Acção Local (PAL), nomeadamente, combater o êxodo rural e o abandono da agricultura tradicional, incentivando a fixação da população jovem e reforçando o rendimento familiar através de novos produtos e de formas inovadoras de comercialização; preservar a identidade cultural, valorizando as crenças, costumes, tradições e património arquitectónico tradicional, e ordenar a mancha florestal, incentivando e apoiando os produtos florestais.

E isto nos concelhos de Abrantes, Constância e Sardoal, os mesmos que constituem a zona de intervenção da associação. Um território marcado pelo rio Tejo onde é possível definir três áreas de características distintas: o bairro, zona de maiores altitudes, declives acentuados e vales estreitos; o campo, zona envolvente do rio, de altitudes constantes, e a charneca, pouca declivosa.

À frente do GAL, Pedro Saraiva, Chegou à Tagus em 1994, quando um técnico da Direcção Regional de Agricultura do Ribatejo e Oeste (associada) já andava às voltas com os Estatutos. Pedro Saraiva entrou a tempo de elaborar o PAL e traçar a estratégia de intervenção da Associação.

A partir daí nunca mais parou. Divide-se entre o LEADER, as Escolas-Oficinas do IEPF e o Centro Rural Abrantes Norte. No que não perde muito tempo, diz, é a fazer comunicados de imprensa. "Só quando temos uma iniciativa de maior impacto é que fazemos. Mas normalmente não nos mostramos muito. É uma questão de opção".

No capítulo das parcerias, Pedro Saraiva nomeia as transnacionais, destacando um projecto com franceses intitulado "Acqua Logic" que se poderá traduzir em acções de sensibilização para a gestão e boa utilização da água e a água como motor/factor de desenvolvimento de um território.

Entre Janeiro de 1994 e Julho do ano passado deram entrada na Tagus 178 projectos. Um total de quase 1 milhão e 400 mil contos de investimento nos três concelhos. Entre os promotores/beneficiários encontram-se as três Câmaras, Juntas de Freguesia, escolas, associações, a própria Tagus, cooperativas e em franca maioria, privados. Aqui a regra um promotor um projecto não se aplica. Veja-se, por exemplo, o caso da Escola Profissional de Agricultura de Abrantes (EPAA) que já leva um conjunto de cinco com o selo LEADER. Na opinião do coordenador do GAL um exemplo dos mais positivos no quadro dos projectos da Tagus, já para não falar dos montantes envolvidos: 62.595.000\$00 de investimento total, dos quais 30.976.000\$00 LEADER.

À pergunta "se foi possível concretizar a estratégia definida no PAL", o coordenador do GAL responde: "em termos orçamentais não fugiu muito, a área da cooperação foi reforçada até ao limite, e a 2 está a ser utilizada". E acrescenta: "Houve um projecto que, com muita pena minha, não conseguimos concretizar. Mas ainda não desisti da ideia e no próximo LEADER voltarei à carga".

Isto quererá dizer que a Tagus vai ter LEADER +? Pelo menos, já estão a trabalhar para isso. Depois, e a ter fé no "O Ribatejo" (edição de 16.12.99, notícia sobre uma visita do Secretário de Estado), não há motivos para preocupações...

Informações

Nome: TAGUS - Associação para o Desenvolvimento Integrado do Ribatejo Interior | **Morada:** Centro Coordenador de Transportes - 2200 Abrantes | **Telefone:** 241 372180 | **Fax:** 241 331610 | **E.mail:** tagus.adiri@mail.telepac.pt

Presidente da Direcção: Nelson Augusto Marques de Carvalho | **GAL:** Pedro Manuel Moura Saraiva (Coordenador), Carla Margarida Antunes Pereira Estrela Marques, Elizete Jardim Costa Pardo Oliveira, Maria de Fátima Dias Martinho, Rui Miguel dos Santos Serrano | **Concelhos:** Abrantes, Constância, Sardoal, Gavião e Mação | **Área:** 783 km² | **População:** 54.297 habitantes



CAMPO MAIOR.MEMÓRIAS DAS MINHAS RAÍZES de Juana Muñoz, 1998

Apoiado pelo Programa LEADER II / ADER-AL

"O texto desta obra foi baseado naquilo que a autora foi buscar às recordações que guardava da infância e dos seus tempos de juventude vividos em Campo Maior."

Profusamente ilustrado com fotografia a cores, numa recolha exaustiva junto de fotógrafos amadores e profissionais, esta obra conduz-nos na descoberta de um maravilhoso concelho alentejano, fornecendo elementos monográficos, descrevendo vivências, revelando os momentos chave da vida do povo de Campo Maior. A boda, o Natal, o Entrudo, a Páscoa, a Matança do porco, as devoções, usos e costumes, as festas, está tudo lá, de uma forma tão cativante que nos arrasta ao desejo incontrolável de a visitar.



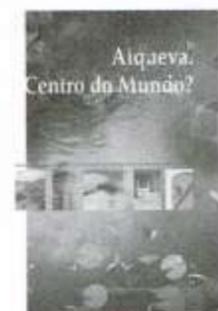
ARMAMAR. TERRA E GENTE de J. Gonçalves Monteiro, Câmara Municipal de Armamar, 1999

Apoiado pelo Programa LEADER II / DOLMEN

"É um trabalho de síntese, dirigido aos munícipes, resumo dos aspectos mais relevantes da história (e recursos) do município. [...] À falta de estudos metódicos e de dados contínuos, desde épocas distantes, [...] procurei dar imagem do que foi Armamar através dos tempos."

Trabalho monográfico refundido e completado, esta obra apresenta, em quase 400 páginas um estudo cuidado do concelho de Armamar ao nível do meio físico, da população, do património histórico-cultural, da cultura popular e das instituições locais.

Uma peça indispensável para a história local e para o estudo da zona do Douro.



ALQUEVA, CENTRO DO MUNDO?, Actas da 8ª Edição dos Encontros de Monsaraz, 1999

Apoiado pelo Programa LEADER II / MONTE

A Associação de Defesa dos Interesses de Monsaraz, uma das associações que integram o Agrupamento Monte, publicou em Maio do ano passado as Actas dos oitavos Encontros de Monsaraz, realizados a 23 e 24 de Maio de 1998.

Com prefácio de Francisco Martins Ramos, são reproduzidas 13 intervenções daqueles encontros, com temas variados tratando as questões do Alqueva, do Alentejo e da identidade cultural.

"O Alentejo tem futuro porque o Alentejo é acima de tudo uma terra com identidade. E esta identidade é a de uma gente que aceita o desafio da mudança..." são palavras de Antónia Vilar Baião, proferidas no decurso dos trabalhos.

Feira de artesanato e de produtos locais

A ADRUSE - Associação de Desenvolvimento Rural da Serra da Estrela realizou em finais de Fevereiro, no Mercado da Carrapichana, uma Feira de Artesanato e de Produtos locais em que estiveram presentes 36 artesãos (doze deles apoiados pelo Programa LEADER) e 11 queijeiras.

Esta iniciativa inseriu-se na Promoção e Divulgação do Centro rural do Alto Mondego, e contou com a presença de entidades oficiais, entre as quais o Governador Civil da Guarda, representantes das Câmaras Municipais, Comissão Nacional de Gestão do Programa LEADER, Juntas de Freguesia e Sócios da ADRUSE.

A animação esteve a cargo de dois ranchos folclóricos, dos bombos do Barçal e contou com um desfile alusivo ao Carnaval, organizado pela freguesia de Vila Franca da Serra.

Verificou-se uma enorme afluência de visitantes, com reflexo no volume de vendas de artesãos e queijeiras. E confirmou-se a convicção de que se torna cada vez mais urgente a realização deste tipo de eventos, ligados à valorização do artesanato local e à mobilização da população, em geral.

Sirva-me uma cuba leader por favor ...

É p'ra já!

Novamente em Maio, em Cuba, vai acontecer de 25 a 28 a FEIRA CUBA LEADER 2000, organizada em parceria pela Associação Terras Dentro e Câmara Municipal de Cuba, com o apoio do Programa LEADER e com patrocínios de outras entidades públicas e privadas.

Fiel ao desenho sui generis dos anos anteriores, em que a originalidade está no facto de decorrer disseminada por toda a malha urbana da Vila de Cuba, ocupará ruas, praças, equipamentos públicos de ensino e entretenimento, velhas adegas e celeiros e outras infraestruturas com valia patrimonial. É nestes lugares com história que, Associações de Desenvolvimento Local / Rural nacionais e estrangeiras, Escolas, Autarquias e outras entidades, promovem os valores, os produtos e os serviços do mundo rural. Artes plásticas, artesanato, gastronomia, desportos amadores, jogos tradicionais, produtos agro-alimentares e vinhos, são alguns dos aliciantes desta festa das gentes do Alentejo.

O teatro, os fantoches, o cante alentejano, as bandas de música, o canto erudito e a música étnica entre outros actos de cultura e animação, são o coroar desta original Feira.

Cuba e as suas gentes, em Maio, servem-lhe uma CUBA LEADER 2000.

Terras Dentro

Turisport – 2000

Dolmen promove a região Douro/Tâmega na Turisport em Silleda

Mais uma vez a Dolmen participou na TURISPORT que decorreu de 30 de Março a 2 de Abril, com o intuito de promover os valores patrimoniais e culturais da região do Baixo Tâmega – e da subsequente dinamização da sua Central de Reservas.

Ficou, à semelhança das outras participações, bem patente o interesse demonstrado pelos nossos vizinhos galegos em conhecer e visitar a nossa região, o seu património histórico e cultural.

De ano para ano tem-se vindo a notar uma maior afluência de turistas espanhóis à nossa região. Razão que se prenderá com o facto do trabalho de promoção da região efectuado pela Dolmen no país vizinho, bem como pelo interesse e empenho demonstrado por diversos Operadores Turísticos e Agências de Viagem da Galiza.

Assim a TURISPORT, premiou-nos mais uma vez com o entusiasmo dos galegos e da sua ânsia de conhecer um país com o qual sentem grandes afinidades.

Dolmen

A Dolmen na Semana Verde da Galiza

Mais uma vez a Dolmen, no âmbito da promoção do Douro/Tâmega seus valores patrimoniais e gastronómicos, participa na "Semana Verde da Galiza" (Feira Internacional de Silleda), que decorrerá dos dias 3 a 7 de Maio.

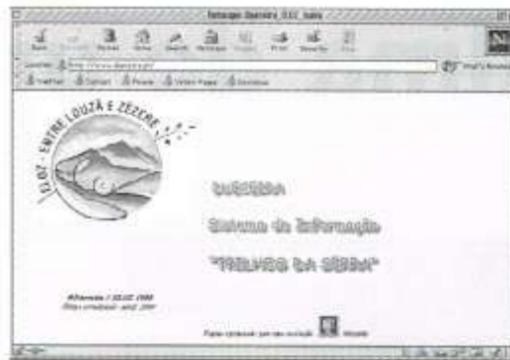
Desta feita a Dolmen apresentar-se-á neste certame com a promoção de vinte marcas de vinho verde, duas marcas de vinho regional, bem como uma marca de champanhe natural de Aveso (experimental).

Tal como não podia deixar de ser, também estará representada a célebre doçaria regional, e no artesanato as bengalas de Gestaçõ imortalizadas por Eça de Queirós e Camilo Castelo Branco, o barro negro de Gondar (Amarante), a cestaria em pioma bem como miniaturas de barcos rebeldes executadas por artesãos das margens do Douro.

Assim durante a feira realizar-se-ão provas de vinhos verdes, será exibido um diaporama de 26' sobre "As Cidades e as Serras" e assistir-se-á, à execução "in loco" de trabalhos de olaria pela "Casa do Oleiro" um projecto LEADER II apoiado pela Dolmen

Durante este certame a Dolmen oferecerá 6 fins de semana (para 3 casais) no Douro/Tâmega com visitas guiadas e cruzeiro no Douro, a sortear entre jornalistas e operadores turísticos.

Dolmen



<http://www.dueceira.pt/>

O site <http://www.dueceira.pt/> da associação Dueceira - Associação de Desenvolvimento do Ceira e Dueça, tem uma página de apresentação onde se pode optar por dois caminhos. Quem não conhece a Associação deverá seleccionar o item Dueceira que lhe permite uma viagem rápida, mas esclarecedora, pela história, constituição e projectos desta Associação. Destaca-se o Plano de Acção Local no âmbito das acções implementadas no programa Leader-ELOZ.

Para os que já conhecem esta ADL, o item Sistemas de Informação permite uma caracterização da zona de intervenção Leader - ELOZ, nomeadamente em termos administrativos, demográficos, sociais e económicos.

Por último, um roteiro turístico - Trilhos da Serra - dos seis concelhos da área geográfica de intervenção, dá a conhecer as atracções mais importantes desta zona da Beira Litoral.

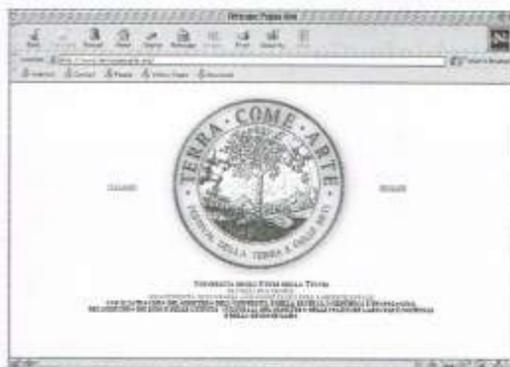


<http://www.naturlink.pt/>

Este site apresenta-se de uma forma ambiciosa; www.naturlink.pt o portal da Natureza.

Com o objectivo de ligar a Internet à Natureza, foi reunido um grupo de técnicos e investigadores da área do Ambiente e da Conservação da Natureza a um conjunto de técnicos em Comunicação Multimédia e Tecnologias da Informação.

Estes técnicos seleccionam informação de qualidade nas áreas da Natureza e do Ambiente, tornando-a disponível a todos, independentemente da sua formação pessoal, idade, etc.. Essa informação está disponível nas múltiplas opções de consulta que acompanham todo o site. Destaca-se a opção "ABC da Natureza" que de uma forma simples e expedita, permite obter informação didáctica sobre plantas, animais e outros assuntos da Mãe Natureza. Para os amantes da coisas naturais o convite feito neste site não pode ser mais directo: Quem nada conhece, nada ama.



<http://www.terracomearte.org/>

"Terra Come Arte" - Festival da Terra e da Arte. Este projecto criado pela universidade italiana de Tuscia, em 1998, para responder ao programa comunitário "Culture 2000" teve como finalidade lançar uma série de eventos culturais e artísticos em parceria com outras faculdades italianas e estrangeiras. O objectivo comum é: realçar o valor estético e simbólico do trabalho agrícola. Para tal, foram definidos alguns tópicos relacionados com as características e as tradições do trabalho agrícola de cada região. Sobre estes temas trabalham alguns grupos de trabalho constituídos por professores, alunos e artistas cujo estudo científico e desenvolvimento criativo permitiram criar uma série de eventos que passam por, seminários, representações, mostras e festivais, que se desenrolam nas zonas rurais.

No espírito "festivo" deste projecto são todos convidados a participar. Basta escolher o item our partners da página de entrada.

Na alma de um povo



No âmbito do Programa dos Centros Rurais, gerido pelo PPDR, a A.D.D. Associação de Desenvolvimento do Dão, tem a seu cargo a implementação no terreno do Centro Rural Alto Dão.

Tendo em vista o incremento das potencialidades locais e a melhoria das condições de vida da população destas aldeias, a A.D.D. teve uma estreita colaboração com os diversos actores locais (autarquias, instituições particulares, agricultores, etc), e com os diversos organismos públicos responsáveis pela gestão e execução deste programa (PPDR, IFADAP, CCRC, DRABL, Zona Agrária, técnicos locais, etc).

Assim na fase final de implementação do PGI - Plano Global de Investimento, do Centro Rural Alto Dão, considerou-se de grande importância fazer uma divulgação, com base nas potencialidades existentes, em cada uma das sete freguesias que constituem este Centro Rural: Mareco, Vila Cova do Covelo, e Matela (Penalva do Castelo); Dornelas e Forninhos (Aguiar da Beira); Vila Longa e Romãs (Sátão).

Com esse intuito, nasceu a obra " ... Na Alma D'Um Povo" de autoria do Dr. Paulo Monteiro, que teve a sua apresentação no dia 7 de Abril, pelas 15 horas, no Salão Nobre da Câmara Municipal de Aguiar da Beira.

Neste evento, estiveram presentes diversas entidades ligadas ao desenvolvimento rural e particularmente aos centros rurais, as quais constituíram a mesa: Eng.º José Cruz Costa, Director Regional da DRABL, em representação do Secretário de Estado do Desenvolvimento Rural; Dr. Vítor Rolo, Gestor do PPDR; Dr.ª Margarida Macedo, em representação do Presidente da CCRC; Prof. Vítor Pires, Presidente da A.D.D.; Prof. Augusto Fernando Andrade, Presidente da Câmara Municipal de Aguiar da Beira, anfitrião deste evento; Dr. Paulo Monteiro, autor da obra; e o Doutor Fernando Paulo Baptista que fez a apresentação da obra.

No fim desta cerimónia, os presentes tiveram a oportunidade de degustar as diversas iguarias desta região, algumas delas apresentadas no livro, num Dão de Honra servido no Restaurante Cabicanca.

A presente obra faz a apresentação de cada freguesia, tendo por tema um ponto forte, ex. Artesanato, Queijo Serra da Estrela, Vinho do Dão, Arqueologia, etc.

Pretendeu-se assim a divulgação turística de uma zona com diversos potenciais, em que a diversidade imprimida pela natureza e transformada pelo homem fazem deste Centro Rural um lugar a descobrir.

Foram igualmente apresentadas, através de um desdobrável, as obras realizadas pelas Câmaras Municipais, Juntas de Freguesia, IPSS's e Particulares, obras essas que vieram permitir criar infra-estruturas básicas necessárias, espaços de lazer, Preservação de Património Histórico, reorganização de núcleos urbanos, melhoria da habitação de agricultores carenciados, etc.

ADD

Novos Corpos Sociais da animar, eleitos na Assembleia Geral de 1 de Abril de 2000

Direcção	
Presidente:	Alberto Eduardo da Silva e Melo
Vice-Presidentes:	SOLIDÁRIOS ESDIME
Tesoureiro:	António José Guimarães Castela Fernandes
Vogais:	ADER-SOUSA BEIRA SERRA Artur Fernando Arêde Correia Cristóvão Luís Moreno ROTA DO GUADIANA
Suplentes:	Américo Manuel dos Santos Carvalho Mendes ACERT ADEPE
Conselho Fiscal	
Presidente:	MSR
Vice-Presidente:	PROBARROSO
Vogal:	ADPM

Estágios em Turismo de Natureza

Jovens da zona rural do sudoeste – zona de intervenção da Vicentina, encontram-se a estagiar, com o apoio do PIC Leader II. Durante 3 meses, um grupo de 11 jovens, estão enquadrados em entidades da região, preparando a sua inserção profissional, realizando animação turística no Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina, na Fortaleza de Sagres (IPPAR), na Pousada de Santa Clara (em colaboração com a Câmara Municipal de Odemira), nas Termas de Monchique, nas Câmaras Municipais de Vila do Bispo e Aljezur, nas unidades de TER "Quinta do Lago Silencioso" e Euroalface e na própria Vicentina.

Estes estágios surgem no seguimento de uma experiência piloto de formação e inserção de jovens na vida activa. A área de formação "Animadores de Turismo em Áreas Protegidas" resulta da análise prospectiva de desenvolvimento da zona e novas actividades económicas/perfis profissionais para áreas naturais protegidas - Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina. Realizada no âmbito do Programa Emprego, Eixo Youthstart (1998/2000).

Vicentina

MINHA TERRA

No dia 18 de Abril decorreu, em Coimbra, no auditório da Comissão de Coordenação da Região Centro, a primeira Assembleia Geral da Minha Terra – Federação Portuguesa das Associações de Desenvolvimento Local, constituída a 15 de Fevereiro de 2000, na Batalha.

São associadas desta Federação 31 Associações de Desenvolvimento Local (ADL) de todo o país (Continente e Ilhas), mas prevê-se que a muito curto prazo este número venha a ser alargado, uma vez que esta federação tem nos seus propósitos a representação das associações actualmente a trabalhar no desenvolvimento local em Portugal.

Esta assembleia, para além da aprovação do regulamento interno da Minha Terra, teve como ponto alto a eleição dos órgãos sociais da Federação para o próximo triénio (2000-2002), tendo a única lista, submetida a sufrágio, associações de todo o país e que de algum modo manifestaram a intenção, ao integrar esta lista, de representar todo o movimento

associativo de desenvolvimento local, mas muito particularmente, as suas congéneres "vizinhas". Os órgãos eleitos têm na mesa da Assembleia Geral uma associação de Trás-os-Montes, outra do Minho e uma da Beira Litoral; a Direcção foi eleita com sete elementos, associações da Beira Litoral, Entre-Douro e Minho, Algarve, Ribatejo e Oeste, Açores, Alentejo e Beira Interior, e no Conselho Fiscal ficaram associações da Madeira, Beira Interior e Alentejo.

Esta assembleia foi, como referiu o representante da ADICES, associação esta eleita para presidir aos destinos da direcção da federação, "o culminar de um processo necessário de unificação do movimento associativo e o início de uma caminhada, que se deseja longa e profícua, no desenvolvimento local do nosso país e onde a colaboração de todas as ADL é importante e necessária".

Informações complementares: Regina Lopes – 232 880080 ou João Pinho – 256 944426

ÓRGÃOS SOCIAIS DA FEDERAÇÃO MINHA TERRA Mesa da Assembleia Geral

Presidente: ADRAT
Secretário: ATAHCA
Segundo Secretário: ADAE

Direcção

Presidente: ADICES
Vice-Presidente: ADRIMAG
Vice-Presidente: VICENTINA
Secretário: TAGUS
Secretário-Adjunto: ASDEPR
Tesoureiro: ROTA DO GUADIANA
Vogal: PRÓ-RAIA

Conselho Fiscal

Presidente: ACAPORAMA
Relator: RUDE
Secretário: MONTE

Desenvolvimento Sustentável para as Regiões de Montanha:

Definição de uma Estratégia



Foto: ADIBER

A ADIBER – Associação de Desenvolvimento de Góis e da Beira Serra, na sequência do trabalho que tem vindo a desenvolver nos últimos cinco anos e consciente dos problemas que afectam as Zonas Rurais de Montanha, como é o caso da Beira Serra, encontra-se a desenvolver um projecto de desenvolvimento para estas Regiões, para o que constituiu uma parceria com o Departamento do Ambiente e Ordenamento da Universidade de Aveiro, com a ESAC – Escola Superior Agrária de Coimbra e DRABL – Direcção Regional de Agricultura da Beira Litoral.

O objectivo do projecto que foi submetido ao Programa SAPIENS da Fundação para a Ciência e Tecnologia, é o de elaborar uma estratégia de desenvolvimento que passe pela manutenção de um conhecimento tradicional que permitiu a sobrevivência das populações ao longo dos tempos, num ambiente agreste e frágil, como o que caracteriza as Regiões de Montanha, para além de apostar na promoção e certificação dos produtos tradicionais e na qualidade ambiental das Regiões Serranas.

Numa primeira fase o projecto avançará com uma avaliação profunda das potencialidades e constrangimentos que afectam uma Região definida pelas Serras da Lousã e Açor, a qual irá assentar basicamente em entrevistas aos Actores Locais, Sociais, Económicos, Institucionais e Culturais, para além da participação da população sobretudo a mais jovem de forma a aquilatar-se das suas expectativas relativas ao futuro e à sua fixação na Região.

A fase seguinte do projecto está ligada sobretudo a três vectores:

1. O desenvolvimento sustentado do tecido produtivo local, sobretudo ao nível da melhoria das condições de produção e consequentemente da produtividade dos produtos tradicionais de que o queijo, a carne de cabrito e o azeite constituem exemplos.
2. O estudo do impacto que a intensificação e alteração dos sistemas produtivos poderá exercer sobre a manutenção das pequenas unidades de produção nas comunidades locais.
3. A promoção da "Serra" e os produtos serranos de forma integrada através de uma estratégia concertada de qualidade ambiental. O desenvolvimento do Eco-Turismo e de todas as suas componentes assumirá neste aspecto uma importância de relevo.

Numa última fase a análise de planos, políticas e legislação ajudarão a avaliar como incorporam a especificidade das áreas de Montanha, podendo ser produzidas recomendações para o seu melhoramento, sobretudo ao nível local e regional de forma a chamar ainda mais a atenção para a importância das Regiões de Montanha.

Este projecto está articulado com algumas iniciativas já desenvolvidas pela ADIBER e pretende despertar a consciência local para as oportunidades que estarão a surgir no âmbito do IIIº Quadro Comunitário de Apoio, aproveitando-se da melhor forma todos os recursos que serão postos à disposição, para que um objectivo final seja atingido: a melhoria das condições de vida das Populações Serranas.

Góis, 3 de Maio de 2000

Uma vida a contar histórias...



Gosta de contar histórias. Histórias pequenas de uma grande história - a história e as estórias da Ilha Branca. Histórias de um tempo que terminou mas que deixou marcas. Símbolos que resistem ao tempo físico e que retêm o sagrado do seu ser. Recordações que a memória conservou. Contar, tantas vezes quantas as que forem necessárias, a história desse tempo ido, tem sido a vida de uma mulher que todos os Graciosenses admiram e respeitam - Maria Teodora Borba.

Natural da freguesia de Norte Pequeno, S. Jorge, Teodora Borba foi para a Graciosa porque o marido era natural desta ilha. Passados quase 40 anos, não tem dúvidas de que é ali que ficará até ao resto dos seus dias. "Foi a minha terra de adopção, tenho aqui os meus amigos, e foi aqui que eu gostei de ser. Por todo o lado que passo oiço "Bom dia senhora professora". E isto sabe-me bem".

O gosto em ensinar definiu-lhe muito cedo a profissão que exerceu durante muitos anos. Os suficientes para ver, hoje, os antigos alunos a trabalhar à sua volta. Mas é como etnógrafa que Teodora Borba se sente realizada. Diz, inclusivamente, que já nasceu etnógrafa, porque nasceu "numa casa rural onde se falava de tudo e mais alguma coisa". Gostaria de lá voltar um dia para concretizar um sonho. "Um dos meus sonhos, que eu sei que não vou poder realizar, era ir à minha terra natal durante uns meses e fazer lá o Museu do Queijo. Não por ser a minha terra mas pela importância que a indústria dos laticínios teve naquele lugar".

O contacto com os usos e costumes dos Graciosenses despertaram esta mulher para um longo e apaixonante trabalho de recuperação e organização de objectos que retêm os traços da história desta ilha e do seu povo. Manter viva esta história tem sido o principal objectivo desta professora que um dia deixou o ensino para se dedicar inteiramente ao Museu que ajudou a fundar e do qual é directora.

Do museu aos "ecomuseus", dedicação e persistência

O empenho e a devoção com que agarrou o projecto fê-lo crescer e frutificar. A Casa Etnográfica que tinha sonhado para a Graciosa deu lugar a um museu exemplar onde se pode encontrar o que de mais antigo tem a ilha. Onde se descobrem as artes e os ofícios do homem da Graciosa, e onde somos levados a apreciar as criações dos homens e das mulheres daquele tempo. Mas Teodora Borba foi mais longe.

No primeiro piso, o Museu revela a intimidade da casa tradicional graciosense, com os seus usos e costumes ao longo dos últimos séculos. No piso inferior é a história da vinha e do vinho que ocupa o maior número de metros quadrados. Onde

também há espaço para uma grande colecção de objectos recordando actividades e profissões, umas já caídas em desuso, outras totalmente desaparecidas no tempo. Lugar ainda para uma atafona (engenho utilizado em casa para a moagem dos cereais), uma das peças mais interessantes do vasto conjunto. Peças de inestimável valor etnográfico impossível de descrever. No jardim do edifício podem ainda ser vistas pedras e evocações da história e da vida das populações.

No Museu da Graciosa há ainda uma sala de exposições temporárias que acolhe trabalhos das mais variadas temáticas e autores.

A quantidade de peças que foi juntando e o desejo de pôr em prática as ideias levou a directora do museu a criar núcleos museológicos, como os ecomuseus, para "manter vivas as artes e as tradições do nosso povo".

A ideia surgiu durante uma visita a França. "Não viajo muito porque não posso sair daqui mas mesmo assim já tenho saído algumas vezes. Numa dessas vezes fui ver os museus da Normandia. Aprendi muito nessa viagem, e como não gosto de aprender uma coisa e deixá-la ficar..."

O primeiro núcleo a surgir foi o moinho de vento. Considerados ex-libris da ilha, alguns moinhos ainda cumprem a função para que foram erguidos; outros, porém, apenas guardam a memória de tempos passados. Um dos moinhos, situado na Serra das Fontes, encontrava-se neste estado quando o Museu da Graciosa decidiu recuperá-lo com um objectivo muito concreto: recriar a actividade da moagem. O projecto deu vida nova ao moinho, promovendo-o à categoria de "ecomuseu". Depois de um (árduo) trabalho de recuperação, o Moinho das Fontes (como é conhecido) encontra-se pronto a cumprir a sua "nova" função. Mas Teodora Borba foi mais além: depois de restituir a actividade, o ritual. "A ida ao moinho, as crianças com os taleigos à cabeça ou debaixo do braço; o homem a assobiar o búzio a dizer que pode receber mais milho ou trigo para moer". Um projecto que tem sido acolhido junto dos professores e alunos, com grande interesse e entusiasmo, levando-os a colaborar, na investigação e encenação.

Com a criação de novos núcleos (o Barracão das Canoas Baleeiras, a Tenda do Ferreiro e, mais recentemente, a Casa das Debulhadoras), o Museu foi-se expandindo por toda a ilha. (ver caixas)

O objectivo, sempre o mesmo. O mesmo que leva Teodora Borba a continuar, apesar das dificuldades. "São lutas titânicas as que travamos para se conseguir tudo isto, a fim de que as pessoas que deram, dão e darão sentido ao Museu, se sintam reflectidas nele".

Entre o museu, as crianças, a casa de artesanato e outras coisas

De uma outra viagem que fez, Teodora Borba trouxe mais ideias que não tardou a pôr em acção. "Visitámos um museu notável na cidade de Florença onde uma pedagoga ensinava as crianças a entrar e a ver um museu. Gostei tanto do projecto que fiquei logo com vontade de o implementar". Quando regressou de Itália começou a estudar as hipóteses de implementar o projecto na Graciosa: junto da secretaria regional da educação podia obter um ou dois professores, e os autocarros para transportar as crianças poderiam vir das Juntas de Freguesia.

Para a directora do Museu, as crianças são um público muito especial; "conseguir que elas tenham amor ao museu e que consigam transmitir esse sentimento aos pais" é o principal objectivo deste projecto. "Com as crianças temos de levá-las ao museu, contar-lhes uma história despertando nelas a atenção para cada uma das peças". A ideia é, posteriormente, pôr as crianças a fazer a peça que mais gostaram de ver no museu ao ponto de também conseguirem escrever uma história sobre a mesma. O objectivo estará completamente cumprido quando, em casa, os pais, receberem das mãos dos filhos as peças e ouvirem as histórias que eles têm para contar. Da visita ao Museu da Graciosa elegeu uma peça para moldar no barro não será tarefa fácil para essas crianças.

As dificuldades das artesãs da Graciosa em vender as peças levaram a professora Teodora Borba a dedicar-se a mais uma causa: a Casa de Artesanato da Vila de Santa Cruz. Às mulheres que sabiam bordar, juntaram-se outras cheias de vontade de aprender. A Secretaria Regional do Trabalho financiou os cursos e a aquisição de máquinas de costura.

Actualmente em instalações próprias, a Casa de Artesanato fornece o linho, o risco e condições para trabalhar. Pagas à peça, a maioria das mulheres opta por bordar em casa.

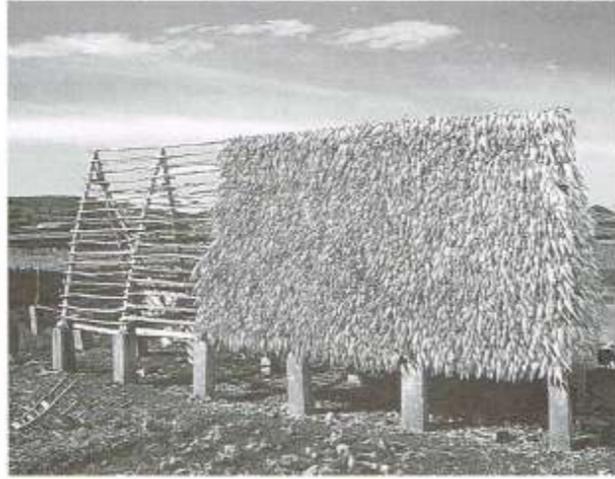
Depois de 20 anos à frente do Museu da Graciosa, Teodora Borba acha que já vai sendo hora de passar o testemunho a alguém mais jovem. Mas a verdade é que parece que não tem coragem para sair. O carinho com que fala das coisas tornaram-na uma figura querida na ilha, levando-a a adiar uma decisão. É justifica-se. "Estou reformada há seis anos. Têm me pedido para ficar, e eu vou ficando. Mas vou fazer os meus 69 anos em Abril, e acho que já é hora de descansar".

Texto e Fotos Paula Santos

...estórias da Ilha Branca

Casa das Debulhadoras

No Caminho do Meio (Guadalupe), o Museu adquiriu um prédio onde estão instaladas duas debulhadoras, e onde se irá reactivar uma moagem do mesmo conjunto, que se encontrou intacta. Em terreno anexo, construir-se-á um armazém, e onde também haverá lugar para uma eira e uma "burra" (uma espécie de trapézio onde se pendura o milho para secar).



Natural da freguesia de Norte Pequeno, S. Jorge, Teodora Borba foi para a Graciosa porque o marido era natural desta ilha. Passados quase 40 anos, não tem dúvidas de que é ali que ficará até ao resto dos seus dias. "Foi a minha terra de adopção, tenho aqui os meus amigos, e foi aqui que eu gostei de ser. Por todo o lado que passo oiço "Bom dia senhora professora". E isto sabe-me bem".

Moinho de Vento

Nos Açores existem dois tipos de moinhos de vento: os de origem árabe e os de origem flamenga. O moinho da Graciosa é do tipo flamengo: um corpo de pedra, pintado de branco, por cima do qual assenta um tecto em madeira, onde se exibem quatro velas de tecido branco. Conforme o vento, faz-se girar a cúpula, fazendo deslocar, ao mesmo tempo, o rabo do moinho.



A ideia surgiu durante uma visita a França. "Não viajo muito porque não posso sair daqui mas mesmo assim já tenho saído algumas vezes. Numa dessas vezes fui ver os museus da Normandia. Aprendi muito nessa viagem, e como não gosto de aprender uma coisa e deixá-la ficar..."

Tenda do Ferreiro

Para dar a conhecer aos mais novos a actividade, o Museu da Graciosa adquiriu recentemente uma tenda de ferreiro, a qual, depois de devidamente recuperada será aberta ao público. A presença de um ferreiro (a acontecer) elevará o espaço a eco-museu e dará sequência a um dos mais perseguidos objectivos da directora do Museu.

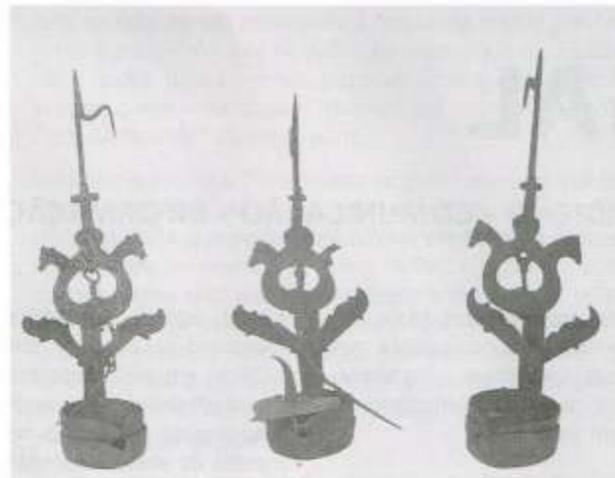


Foto: Guedes da Silva

O objectivo, sempre o mesmo. O mesmo que leva Teodora Borba a continuar, apesar das dificuldades. "São lutas titânicas as que travamos para se conseguir tudo isto, a fim de que as pessoas que deram, dão e darão sentido ao Museu, se sintam reflectidas nele".

Barracão das Canoas Baleeiras

Também pertencente ao Museu, a casa baleeira, alberga uma das últimas canoas a ir para o mar - o "Restinga" (com 10,60 metros de comprimento e data de construção de 1954), e recorda os tempos difíceis, quando o homem não tinha alternativa, senão acordar a meio da noite e navegar quase sem destino, à procura de um animal. Dentro da canoa, toda a palamenta utilizada na caça à baleia. Nas paredes, arpões de diversos tamanhos e tipos, variados objectos relacionados com a actividade baleeira, e vestígios de outros que os rigores do Inverno açoreano recomenda acautelar em local mais seco. Na freguesia de S. Mateus, o Museu prevê abrir brevemente um segundo núcleo destinado às actividades marítimas.



"Com as crianças temos de levá-las ao museu, contar-lhes uma história despertando nelas a atenção para cada uma das peças". A ideia é, posteriormente, pôr as crianças a fazer a peça que mais gostaram de ver no museu ao ponto de também conseguirem escrever uma história sobre a mesma.

FENCAÇA

DIVULGAÇÃO DAS POTENCIALIDADES DE LAZER E REGRAS PARA O USO SUSTENTADO NOS ESPAÇOS RURAIS

A Federação Nacional de Zonas de Caça Associativa (FENCAÇA) apresentou à Medida B2 do Programa LEADER uma candidatura designada "Divulgação das Potencialidades de Lazer e Regras para o uso sustentado nos Espaços Rurais". Esta candidatura tem um âmbito nacional, definindo o país como zona de intervenção e "produzirá os seus efeitos no âmbito da formação e educação ambiental dos cidadãos portugueses, dos caçadores, jovens desde a idade escolar até à Universidade, etc." A FENCAÇA propõe-se fazer a "divulgação de novas modalidades desportivas adaptadas aos meios rurais nas diferentes regiões do país" e envolver no projecto outras entidades congéneres, nomeadamente a Associação de Caçadores Casa Branca, FITASC - Fédération Internationale de Tir aux Armes Sportives de Chasse e FEC - Fédération Española de Caza. Foi formalizado um protocolo de cooperação entre a FENCAÇA e a Federação Estremenha de Caça - Estremadura espanhola, no qual "... as duas federações se comprometem a cooperar em todas as actividades técnicas, científicas e desportivas, bem como a facultar todos os dados referentes a experiências efectuadas..."

Objectivos

São quatro os objectivos definidos para este projecto:

1. A oferta de jornadas de contacto com a natureza, através do estabelecimento de passeios a pé, segundo roteiros previamente estabelecidos no interior de zonas de caça. Estas jornadas destinam-se à a

grupos interessados, dando-se prioridade a escolas primárias e secundárias, universidades, membros de associações de caçadores e membros de entidades estrangeiras ligadas ao sector.

2. Popularizar a prática de actividades desportivas ligadas aos sectores cinegéticos, cinófilo e rural. Assegurar a representação nacional em campeonatos internacionais destas modalidades.
3. Possibilitar um espaço (uma zona de caça) às universidades, ou outras entidades agentes de investigação, onde possam ser feitos trabalhos sobre o sector cinegético e ambiental, característicos de um ecossistema mediterrâneo (ex. montados de Sobro e Azinho)
4. Contribuir para a melhoria dos conhecimentos no sector e sua divulgação, com a realização de simpósios, conferências, publicações em revistas especializadas, proceder a publicações independentes dentro da temática, criação e manutenção de uma página Internet da FENCAÇA.

Tipologia das acções:

1. Oferta de percursos pedestres segundo roteiros pré-determinados

Serão estabelecidos roteiros de observação e fotografia de caça, contando-se para o efeito com as zonas de caça pertencentes à Associação de Caçadores Casa Branca, bem como com a sede deste clube para o fornecimento de refeições.

2. Realização do Campeonato do Mundo de Caça 1998

Realização do Campeonato do Mundo de Caça nas modalidades de St. Huberto (masculinos e femininos) e Cães de Parar (britânicos e continentais), modalidades que se pretendem implementar em Portugal, por todo o país. Este campeonato surge como a primeira forma de divulgação destas modalidades junto dos caçadores, cinófilos e utentes dos espaços rurais em geral.

3. Divulgação e sensibilização durante a Expoça e a Fescaça

A EXPOÇA e a FESCAÇA são os dois maiores certames nacionais das actividades de lazer ligadas ao mundo rural, das quais a caça e a pesca são as mais divulgadas. A primeira realiza-se na primeira quinzena de Maio em Santarém, a segunda em Setembro, em Sousel.

A FENCAÇA pretende aumentar ainda mais a sua participação activa nestes certames, designadamente através:

- da realização de um Simpósio durante a EXPOÇA subordinado a temáticas científicas ligadas ao sector cinegético;
- da realização de um Simpósio durante a FESCAÇA com temáticas idênticas,
- divulgação de modalidades de lazer tradicionais e novas, ligadas ao sector: Caça Maior; Caça Menor; modalidade desportiva de St. Huberto; Cães de Parar; Cães de Rasto; Cães de Matilha; Falcoaria; Caça

com Arco; Percursos Pedestres e Caça Fotográfica; Armas de Caça Antigas.

4. Obtenção de uma Página na Internet

Dada a importância da Internet como veículo de troca de informação, é fundamental à FENCAÇA possuir uma página actualizada e veículo de comunicação com os interessados.

5. Publicação de um Manual para o Gestor de Zonas de Caça

Partindo do princípio que é necessário formar todos os utentes dos espaços rurais, designadamente os caçadores e gestores de zonas de caça e constatando que não existe em Portugal nenhuma publicação que compile aspectos fundamentais para a gestão das zonas de caça e para a utilização deste recurso, a FENCAÇA pretende elaborar um Manual para o efeito.

A candidatura da FENCAÇA foi aprovada pelo Director Geral do Desenvolvimento Rural em 2 de Fevereiro de 1999 e homologada pelo Secretário de Estado do Desenvolvimento Rural em 9 do mesmo mês.

O orçamento global apresentado é de 22.118 contos sendo a comparticipação LEADER de 75% (16.589 contos)

FENCAÇA - Federação Nacional de Zonas de Caça Associativa
R. D. Pedro, 19 • 2100 CORUCHE
Telefone: 243 675 519 Fax: 243 617 139
Email: fencaca@mail.telepac.pt

VINI PORTUGAL

PORTUGAL PAÍS DE VINHOS - CULTURA E TRADIÇÃO - COMUNICAÇÃO - INFORMAÇÃO E DIVULGAÇÃO INTEGRADA

A VINI PORTUGAL, Associação Interprofissional para a Promoção de Vinhos, constituída em 1996 para o fomento e apoio ao sector vitivinícola português, candidatou à Medida B2 do Programa LEADER um projecto designado "Portugal País de Vinhos - Cultura e Tradição - Comunicação - Informação e Divulgação Integrada".

Objectivos

Informar sobre as características dos vinhos de qualidade, informação essa enquadrada numa perspectiva histórico-cultural e económica da produção de vinho no nosso país desde os mais remotos tempos, dando relevo à divulgação dos Vinhos Portugueses, bem como à gastronomia local e tradicional de qualidade, relacionando-a sempre que possível com os vinhos de cada região.

O grande objectivo deste projecto é, pois, dar relevo a situações de divulgação e promoção de produtos locais e tradicionais portugueses, de qualidade, dos quais o vinho é

um dos melhores representantes, tornando-o, por isso, conhecido e competitivo nos mercados internos e externos, com vantagens indiscutíveis para os vitivinicultores e para o público em geral.

Tipologia das acções:

Criação de um sistema de informação integrado, constituído por um conjunto de informação, tratada em múltiplos suportes de divulgação, versando diversos temas todos eles relacionados com os vinhos de qualidade portugueses, sua cultura e tradição.

Serão utilizados os seguintes suportes de divulgação: audiovisual, escrito e gráfico, Internet, cd-rom. Este sistema de informação integrada permitirá conseguir, à luz das mais actuais técnicas de comunicação, um melhor impacto na transmissão das mensagens.

Para ser aplicado a todo o Portugal Conti-

ental, açores e Madeira, este projecto direcciona-se para os consumidores e o público, em geral; agentes económicos do sector vitivinícola, associações profissionais e empresariais ligadas ao sector; estabelecimentos de ensino secundário; escolas superiores e universidades; associações e agentes de desenvolvimento rural; técnicos ligados ao sector.

A metodologia de trabalho basear-se-á no princípio da integração completa dos diversos Media a utilizar para a divulgação, isto é, o mesmo tipo de informação deverá ser tratada de diferentes formas de acordo com as técnicas e princípios da comunicação humana, adaptada aos tempos actuais, com o objectivo final de conseguir um melhor impacto na transmissão de mensagens.

Actividades a desenvolver:

1. Série televisiva: "Portugal País de Vinhos - Cultura e Tradição"
2. Brochura sobre "Vinhos de Portugal -

Alma Latina"

3. Folheto - Desdobrável sobre "Vinhos de Portugal"
4. CD-Rom "Alma Latina"
5. Divulgação na Internet - "Os Vinhos Portugueses"
6. Livro em Língua Inglesa sobre "Os Vinhos Portugueses"

O projecto apresentado pela VINI PORTUGAL envolve um investimento de 66.280 contos, com uma comparticipação LEADER de 75% (49.656 contos).

VINI PORTUGAL - Associação Interprofissional para a Promoção de Vinhos
R. Cândido dos Reis
Instalações do IVV
2560 TORRES VEDRAS

Telefone: 261 339 950
Fax: 261 339 955
Email: viniportugal@mail.telepac.pt

os olhos parados não vêem...

dar uma visão, um rosto com brilho ao Portugal do leader



"A FOTOGRAFIA É A ÚNICA "LINGUAGEM" QUE É COMPREENDIDA EM TODAS AS PARTES DO MUNDO, E QUE, UNINDO TODAS AS NAÇÕES, TODAS AS CULTURAS, PARECE-SE COM A GRANDE FAMÍLIA HUMANA. INDEPENDENTE DAS INFLUÊNCIAS POLÍTICAS, EM TODOS OS LUGARES ONDE AS POPULAÇÕES SÃO LIVRES, ELA É O REFLEXO VERÍDICO DA VIDA E DOS ACONTECIMENTOS, ELA PERMITE-NOS PARTILHAR A ESPERANÇA E O DESESPERO DOS OUTROS E ACLARA AS CONDIÇÕES SOCIAIS E POLÍTICAS. NÓS TORNAMO-NOS ESPECTADORES E TESTEMUNHAS DA HUMANIDADE OU DA SELVAJARIA DA RAÇA HUMANA..."

Helmut Gernsheim
(Creative Photography, 1962)
citado por Susan Sontag in "A fotografia"



Foto: isto é

1. O QUE SE PRETENDE?

Através de meios visuais tomar conhecimento da base territorial e da base social, da relação como estes interdependem e da sua forma de diversificação cultural.

Pôr em prática uma experiência de grupo capaz de proceder ao registo iconográfico da ruralidade do mundo rural português.

Este levantamento permitirá corporizar esse conhecimento real e constituir uma dimensão simbólica do desenvolvimento rural em Portugal.

Conhecer a realidade rural portuguesa, as suas transformações, compreender os desafios gerados pelo horizonte do futuro.

Demonstrar a especificidade do nosso país no quadro das restantes regiões do mundo rural europeu.

2. A QUEM SE DESTINA?

Agentes e organismos de desenvolvimento rural e todos os seus parceiros locais.

Grupos de interesse, tais como sindicatos, associações diversas, organismos institucionais e profissionais, escolas, media e "lobbies". Público em geral.

3. COMO FAZER?

Constituir roteiros, que irão corresponder a levantamentos fotográficos. Os mesmos devem ser o resultado de um guião previamente discutido no seio do GAL.

O critério a seguir deve contemplar uma selecção de temas/pessoas/objectos e ou lugares que por si só constituam uma identidade visual de cada região. Esta sistematização será da responsabilidade de cada GAL.

Será gerado um relatório visual através da selecção de um lote final de cem imagens desta oficina, cujos autores devem antecipadamente declarar a cedência plena de direitos de utilização.

Organizar-se-ão grupos de interessados para esta actividade que se deslocarão aos sítios. Os interessados devem dispor de uma preparação técnica razoável, na área da fotografia. A mesma deve ser reconhecida através de um pequeno portfólio a ser analisado pelo coordenador da oficina - responsável pela Comunicação visual da CAL. Os participantes devem possuir recursos próprios quanto a equipamento fotográfico (câmaras reflex 35 mm).

A estes grupos são fornecidos os materiais sensíveis

(filmes) bem como toda a sustentação logística; Esta será apoiada na estrutura local LEADER.

Se os GAL o entenderem, pode ser convidado um fotógrafo de reconhecido mérito que integrará e acompanhará o funcionamento desta Oficina.

Como suporte de registo será determinado um formato único, diapositivos 35 mm, permitindo uma uniformização deste banco de imagens.

Cada oficina deverá acontecer em calendário a marcar.

CAL célula de animação da rede portuguesa do Leader II - oficinas sítios e pessoas

Como é do V. conhecimento no próximo dia 6º Feira, vai ser desenvolvida uma oficina "Sítios e Pessoas", junto dessa Associação.

Esta iniciativa caracteriza-se através de um documento, distribuído em Évora e que é de v. conhecimento. Importa, circunstanciar, agora a forma logística pela qual a mesma se vai desenvolver.

Adriano Rangel / isto é

Contacto

Animação técnica e criativa: Adriano Rangel | Tel.: 22.6166570 | Fax: 22.6166579 | email: jrangel@esoterica.pt

Veredas da Madeira



Foto: Museu Vicente

Madeira, Porto Santo e Desertas são ilhas de invenção muito mais do que descoberta. Gonçalves Zarco terá num toque de magia criado montes, vales e praias em menos de 800 km². Acidentes geográficos que se foram povoando em permanente invenção. Pico Ruivo, Cabo Girão, Ribeira Brava, Camacha, Machico, Paúl da Serra, Curral das Freiras, Câmara de Lobos, Calheta, nomes de agora e de outrora dando origem a um homem inventado a partir dos primeiros colonos. Um homem que a mando dos senhorios foi somando particularidades da vida na montanha, no vale e no mar. E que um povoamento multiplicador empurrou para a emigração, lutando contra a falta de dimensão para trezentos e cinquenta mil. Parcos recursos e uma imensidão de vulnerabilidades levou esse homem para o Continente, África e América, pagando o preço das distâncias e da insularidade. Um êxodo cobrado por se ter nascido numa ilha, mesmo belamente inventada.

Oferecendo a ilha uma riqueza imensurável, e inserida numa estratégia de diversificação da oferta turística, têm vindo a ser dinamizadas acções de recuperação de levadas e veredas que permitem a prática de um turismo ecológico. Por outras palavras, procura-se levar o turista do centro histórico do Funchal, das piscinas dos hotéis, para territórios únicos como o das veredas e levadas.

Com o objectivo de preservar este legado histórico, uma associação de desenvolvimento local - a ADRAMA, propôs, no âmbito de candidaturas ao programa LEADER, a sinalização de percursos pedestres, estabelecendo códigos de montanha. Provando que a insularidade, o clima e relevo difíceis, características dos territórios insulares, e apontadas como os principais factores responsáveis pelo atraso estrutural das regiões ultraperiféricas, são especificidades que podem ser aproveitadas e valorizadas numa estratégia de desenvolvimento local.

As veredas e levadas são as mais ricas peças do património cultural madeirense e a expressão viva de como foi possível a intervenção do homem na natureza sem criar rupturas significativas no funcionamento dos ecossistemas. A Região Autónoma da Madeira é um exemplo vivo deste aproveitamento. O madeirense não se resignou a um determinismo ambientalista. O madeirense tem sabido tirar partido dos valores naturais da terra. Históricos ficaram os ciclos do trigo e do açúcar a trazerem dividendos indispensáveis ao desenvolvimento da ilha. Hoje, o ciclo é o do turismo. Cerca de quatro milhões de turistas passam, por ano, pelo Arquipélago da Madeira.

Mas, durante mais de quatro séculos, os madeirenses viveram quase no isolamento. Separados por montanhas, profundos desfiladeiros ou caudalosas ribeiras, só se reuniam em determinadas épocas do ano. Deslocavam-se por íngremes e estreitas veredas, de difícil e penoso piso, a pé ou a cavalo. Os doentes, os inválidos e os velhos eram transportados em "redes" (uma espécie de maca) e, mais tarde, em "carros" de cesto e de bois. Com a construção de estradas, já no século XX, as primitivas "redes" desapareceram naturalmente, mas o "carro de cesto" ou "carro do monte" manteve-se sendo hoje uma das maiores atracções turísticas da ilha da Madeira.

Hoje, são estas veredas que fazem as delícias dos amantes dos passeios a pé, pelo interior da ilha, desvendando recessos difíceis mas inesquecíveis.

O grau de dificuldade ("baixo" "médio" e "médio/alto") varia de percurso para percurso, assim como a distância, que pode ir dos três ou quatro km aos 20, recebendo no primeiro caso a designação de percursos de pequena rota. Há que obedecer não só a normas como ao bom senso, desde o uso de sapatos ou botas com sola de borracha, ao impermeável, etc. Os passeios a pé por estas veredas só se fazem em pleno dia, sempre em grupos, na companhia de um guia experientado e só quando o tempo está propício.

Entre as veredas de fácil trajecto encontra-se, por exemplo, a "Vereda da Ilha" entre o Pico Ruivo e o lugar da Ilha (Santana) num total de 8,6 km. Já a "Vereda da Encumeada", numa distância de 17,2 km, que vai do Pico do Arieiro à Boca da Encumeada, recebeu o grau "médio/alto", proporcionando aos que nela se arrisgam, um passeio pela crista mais elevada da ilha, por veredas escavadas nas escarpas, por vezes com grandes desníveis.

Graças à popularidade alcançada pelos passeios a pé através das zonas mais majestosas da ilha, constituíram-se várias empresas dedicadas à prestação deste serviço, organizando excursões diárias, com ou sem piquenique. Levando guias devidamente "cursados" desaparece o medo pelo desconhecido e a possibilidade de alguém se perder no emaranhado da vegetação. Não desaparecem, porém, os cuidados que cada um deve pôr nesta aventura, para além das pequenas coisas necessárias nestas caminhadas, que podem atingir ou até ultrapassar cinco horas a pé.

Paula Santos



Foto: M. Ara

Ficha Técnica

Pessoas e Lugares

Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER II

Propriedade:

INDE - Intercoperação e Desenvolvimento, CRL

Administração e Redacção:

INDE/Célula de Animação da Rede Portuguesa LEADER II
Rua Marquesa de Alorna, nº 34 - 2º Esq.
1700-304 LISBOA
Tel. 21.8446595 | Fax.21.8446623
Email. caleader@inde.pt
Site: <http://caleader@inde.pt>

Mensário

Director: Samuel Thirion

Editor: Camilo Mortágua

Chefe de Redacção:

Francisco Botelho

Editor Gráfico: Ana Alvim / Isto É

Redacção: Paula Santos;
Rosário Aranha

Colaboram neste número:

ADD, ADIBER, Álvaro Rosendo, ADRUSE, DOLMEN, Helder Santiago, Luís Alvarez, Luís Chaves, Manuel Adriano Rangel, Ana Oliveira, Sofia Centeno, TERRAS DENTRO e VICENTINA

Paginação e pré-impressão:

Isto é, comunicação visual, lda
Rua de Serralves, 693-697
Apartado 1503
4107-001 PORTO
Tel.: 22 616 65 70 | Fax: 22 616 65 79
e-mail: isto-e@esoterica.pt

Impressão:

Tipografia Silvas, CRL
Rua D. Pedro V, 122 - 1º E
1250-094 LISBOA

Número de exemplares: 3.500

Depósito Legal nº 142 507/99

